



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
MESTRADO EM ADMINISTRAÇÃO**

FLÁVIA OLIVEIRA SANTOS

***FAZENDO RENDA E TECENDO A ORGANIZAÇÃO: UM
ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS ORGANIZACIONAIS DA
ASSOCIAÇÃO DE RENDA IRLANDESA DE DIVINA
PASTORA***

São Cristóvão – SE
2022

FLÁVIA OLIVEIRA SANTOS

***FAZENDO RENDA E TECENDO A ORGANIZAÇÃO: UM
ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS ORGANIZACIONAIS DA
ASSOCIAÇÃO DE RENDA IRLANDESA DE DIVINA
PASTORA***

Dissertação apresentada como requisito
para obtenção do título de Mestre em
Administração pelo Programa de
Pós-Graduação em Administração da
Universidade Federal de Sergipe

Linha de Pesquisa: Empreendedorismo

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Manuela Ramos

São Cristóvão - SE
2022



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO**

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ao décimo quarto dia do mês de fevereiro de dois mil e vinte dois, em uma apresentação online e remota por conta das medidas de enfrentamento à pandemia de Covid-19, foi instalada pelo Professora Dra. Manuela Ramos da Silva, orientadora a banca examinadora para a defesa de dissertação de mestrado na área de concentração: Gestão de Negócios, conforme rege a Portaria 413/2020. Estiveram presentes na webconferência, além do orientador, os membros da banca e discentes. A banca examinadora atendo a determinação do Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Administração foi constituída pelos Professores Doutores: Manuela Ramos da Silva - PROPADM UFS (orientador), Ludmilla Meyer Montenegro – PROPADM (Examinadora Interna) e Dra. Natália Rese (UFPR) examinador externo à instituição. Às 14:30 horas, a banca iniciou os trabalhos, convidando a candidata Flávia Oliveira Santos a fazer a apresentação da dissertação do mestrado intitulada **“FAZENDO RENDA E TECENDO A ORGANIZAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS ORGANIZACIONAIS DA ASSOCIAÇÃO DE RENDA IRLANDESA DE DIVINA PASTOR”**. Encerrada a apresentação iniciou-se a fase de arguição pelos membros participantes. Tendo em vista a dissertação e a arguição a banca decidiu pela **APROVAÇÃO** do candidato de acordo com a determinação do regulamento interno do Programa.

Aracaju, 14 de fevereiro de 2022



Profa.Dra.Manuela Ramos da Silva
Orientador – PROPADM/UFS

Profª Dra. Ludmilla Meyer Montenegro
Examinador Interno – PROPADM/UFS
(participação à distância por videoconferência)

Profa. Dra. Natália Rese
Examinadora Externa -UFPR
(participação à distância por videoconferência)

Flávia Oliveira Santos
Discente

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

Santos, Flávia Oliveira
S237f *Fazendo* renda e *tecendo* a organização : um estudo sobre as
práticas organizacionais da associação de renda irlandesa de
Divina Pastora / Flávia Oliveira Santos ; orientadora Manuela
Ramos. – São Cristóvão, SE, 2022.
87 f.

Dissertação (mestrado em Administração) – Universidade
Federal de Sergipe, 2022.

1. Administração. 2. Empreendedorismo. 3. Artesanato. 4.
Associações, instituições, etc. – Divina Pastora (SE). 5. Rendeiras
e rendeiros. 6. Aprendizagem organizacional. I. Ramos, Manuela,
orient. II. Título.

CDU 658:005.344(813.7)

Dedico este trabalho à minha família e amigos que foram essenciais para a realização dessa conquista.

AGRADECIMENTOS

Mais uma etapa concluída e neste momento não poderia deixar de agradecer a todos que foram tão fundamentais durante toda essa jornada.

Primeiramente, e acima de tudo, agradeço a Deus! Por me conceder saúde, força e sabedoria para enfrentar os obstáculos encontrados no decorrer do caminho. Agradeço por sempre ter me auxiliado e me permitido concluir o mestrado. Gratidão pelas bênçãos que são concedidas a mim diariamente.

“Ainda que a figueira não floresça, nem haja fruto na videira; ainda que a colheita da oliveira decepcione, e os campos não produzam mantimento; ainda que as ovelhas desapareçam do aprisco, e nos currais não haja mais gado, mesmo assim eu me alegro no Senhor, e exulto no Deus da minha salvação”. Habacuque 3:17-18 NAA

Não poderia também deixar de agradecer aos meus pais por todo amor e por todo sacrifício que fizeram para que eu pudesse ter oportunidades diferentes das deles. Por sempre terem me incentivado a lutar pelo que acredito e sonho. Por me apoiarem incondicionalmente e por mesmo sem entenderem, muitas vezes, terem se dedicado a me ouvir falar sobre o trabalho e os percalços durante esse tempo. Obrigada por acreditarem em mim. Essa vitória é de vocês também.

Agradeço aos meus irmãos Jhonata e Guilherme, à minha cunhada Clésia e minha prima-irmã Andreza. Vocês são a minha válvula de escape. Obrigada por todo o apoio e torcida de sempre. Por serem o meu porto seguro.

Ao meu esposo Júlio, agradeço pelo companheirismo e compreensão durante os últimos meses repletos de ansiedades e inseguranças. Obrigada por sempre me ajudar a recuperar a serenidade. Por me ensinar a olhar para as coisas de forma mais leve. Obrigada por ter me auxiliado e me ouvido desabafar sobre os desafios e por me incentivar a superá-los vez após vez.

Agradeço aos demais familiares pela torcida, em especial, minha tia Glaucia e meus avós. Obrigada pela atenção e preocupação constantes.

Aos meus amigos, que são tão essenciais em minha vida. Em especial ao Junior Góis por toda lealdade e incentivo nos momentos mais difíceis.

À CAPES pela concessão da bolsa por período parcial do curso, que viabilizou os custeios financeiros da realização da minha pesquisa.

Ao PROPADM, sou grata pelo acolhimento e por ter contribuído tanto para o meu crescimento pessoal e acadêmico. Aos professores sempre tão disponíveis e solícitos que, com maestria, partilharam seu conhecimento e abraçaram a missão de ensinar e incentivar sempre a busca constante pelo conhecimento.

À professora Ludmilla, minha primeira orientadora que, por motivos pessoais, precisou afastar-se temporariamente do programa e, por consequência, da minha orientação. Ainda assim, aceitou participar da minha banca. Obrigada por todo conhecimento partilhado, pelo incentivo à pesquisa e por se mostrar tão disponível para me auxiliar.

E também à querida professora Natália que aceitou tão prontamente participar da minha banca, contribuindo tanto para o desenvolvimento e melhoria do trabalho com seus apontamentos e sugestões.

Não posso deixar de agradecer à querida orientadora Manuela. Professora, obrigada por toda a paciência, compreensão e parceria durante todo esse tempo. Obrigada por sempre buscar me tranquilizar e por não desistir de mim mesmo quando eu já tinha desistido. Certamente, sem seu apoio e incentivo, eu não teria conseguido. Obrigada por escolher viver sua profissão de forma tão encantadora e inspiradora e obrigada por ter aceitado assumir minha orientação e ter lutado comigo até o fim.

Aos colegas do PROPADM, apenas agradeço pela amizade e companheirismo. Obrigada pelos momentos compartilhados, pelos encontros, pelas alegrias e também pelas angústias que partilhamos. Obrigada por viabilizarem um ambiente com tanta união e cumplicidade. Dentro todos, alguns ficaram mais próximos e tornaram-se verdadeiros irmãos: Eúde, Darlane, Felipe, Lucas, Júnior e Jeovana. Obrigada por sempre me ouvirem, me auxiliarem e por toda a parceria sempre que precisei.

Aos colegas de trabalho agradeço por todo apoio e auxílio nos momentos em que precisei me ausentar para priorizar a pesquisa. Em especial, agradeço ao Weslan e ao Paulo Henrique por me ouvirem e me ajudarem durante as fases de ansiedade, por todo companheirismo, lealdade e amizade!

Por fim, não poderia deixar de agradecer às mulheres que tornaram este trabalho possível: as rendeiras de Divina Pastora. Obrigada por terem aberto a porta da associação para me receber e por compartilharem comigo suas histórias tão inspiradoras e marcantes. Obrigada pela contribuição ao meu trabalho!

Muito obrigada!

“O Senhor os abençoe e os guarde; o Senhor faça resplandecer o seu rosto sobre vocês e tenha misericórdia de vocês; o Senhor sobre vocês levante o seu rosto e lhes dê a paz.”

Números 6:24-26 NAA

RESUMO

As principais tentativas de transformação do artesanato como sistema de produção foram encontradas entre os povos primitivos, seguidos por grupos que desempenham atividades específicas e ainda nos tempos contemporâneos o artesanato ocupa um papel social importante. A produção artesanal está presente em todo o território nacional e é reconhecida como uma expressão importante da identidade local e da diversidade cultural brasileira, enriquecendo o patrimônio simbólico e artístico nacional. Dentro desse contexto, nos deparamos com a Renda Irlandesa que é um dos produtos artesanais de maior destaque no estado de Sergipe. Embora seja produzida em outras localidades, é em Divina Pastora que há a maior concentração de rendeiras e onde a atividade tem maior importância socioeconômica e simbólica e que, inclusive, encontramos a maior Associação de Renda Irlandesa do estado: a ASDEREN. Esta pesquisa adotou como pressuposto que as organizações são resultado de práticas e processos. E, na tentativa de lançar esse olhar para as organizações, neste trabalho, buscamos compreender como a ASDEREN se organiza como resultado de suas práticas e processos. Quanto aos procedimentos metodológicos deste trabalho, a abordagem foi de natureza qualitativa, descritiva e exploratória. A estratégia de pesquisa utilizada foi o método biográfico, mediante análise da história oral de três rendeiras da ASDEREN, cujos dados foram coletados por meio de entrevistas em profundidade, observação e anotações do diário de campo. Apesar de termos proposto superar o olhar dicotômico sobre as organizações, como principais resultados emergiram das narrativas das rendeiras algumas dicotomias: informalidade/formalidade; fragmentação/centralização e horizontalidade/verticalidade. Identificou-se que a organização estudada oscila entre essas dicotomias, mas faz tudo isso conjuntamente e ao mesmo tempo. Aqui compreendemos um contexto diverso, dinâmico e multifacetado.

Palavras-chave: *organizing*, Renda Irlandesa, práticas organizacionais, ASDEREN.

ABSTRACT

The main attempts to transform handicrafts as a production system were found among primitive peoples, followed by groups that perform specific activities and even in contemporary times handicrafts play an important social role. Craft production is present throughout the national territory and is recognized as an important expression of local identity and Brazilian cultural diversity, enriching the national symbolic and artistic heritage. Within this context, we come across Irish lace, which is one of the most prominent handcrafted products in the state of Sergipe. Although it is produced in other locations, it is in Divina Pastora that there is the highest concentration of lacemakers and where the activity has greater socio-economic and symbolic importance and that we even find the largest Irish Lace Association in the state: ASDEREN. This research adopted the assumption that organizations are the result of practices and processes. And, in an attempt to cast this look at organizations, in this work, we seek to understand how ASDEREN organizes itself as a result of its practices and processes. As for the methodological procedures of this work, the approach was qualitative, descriptive and exploratory. The research strategy used was the biographical method, by analyzing the oral history of three ASDEREN lacemakers, whose data were collected through in-depth interviews, observation and field diary notes. Although we have proposed to overcome the dichotomous view of organizations, as main results some dichotomies emerged from the lacemakers' narratives: informality/formality; fragmentation/centralization and horizontality/verticality. It was identified that the studied organization oscillates between these dichotomies, but does all this together and at the same time. Here we understand a diverse, dynamic and multifaceted context.

Keywords: organizing, Irish Income, organizational practices, ASDEREN.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Recrutamento dos Entrevistados	44
Figura 2 – Etapas da Análise de Conteúdo	49
Figura 3 – Relação entre categorias analíticas e objetivo de pesquisa	54
Figura 4 – Agentes e Arranjos Materiais	57

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Relevância da Pesquisa	20
Quadro 2 – Características abordagens mecânica e orgânica	22
Quadro 3 – Principais conceitos adotados	39
Quadro 4 – Dados das entrevistas realizadas com as rendeiras	48
Quadro 5 – Pré-análise	49
Quadro 6 – Execução da análise	51
Quadro 7 – Classificação das categorias de análise	52
Quadro 8 – Elementos de análise e categorias analíticas da pesquisa	53
Quadro 9 – Agentes, arranjos materiais e suas funções	60

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASDEREN	Associação de Desenvolvimento de Renda Irlandesa de Divina Pastora
IG	Indicação Geográfica
INPI	Instituto Nacional de Propriedade Industrial
IP	Indicação de Procedência
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
PETROBRÁS	Petróleo Brasileiro S.A.
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	16
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA	18
1.2 OBJETIVOS	20
1.2.1 Objetivo Geral	20
1.2.2 Objetivos Específicos	20
1.3 JUSTIFICATIVA	20
1.4 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO	23
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	25
2.2 ORGANIZING	28
2.2. PRÁTICAS ORGANIZACIONAIS	31
2.2.1 Conceitos	33
2.3 SÍNTESE TEÓRICA	35
2.3.1 A Renda Irlandesa	36
2.3.2 Articulação entre Organizing e Práticas Organizacionais	38
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	44
3.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA	44
3.2 ESTRATÉGIA DE PESQUISA	45
3.3 CRITÉRIOS E ESTRATÉGIAS PARA SELEÇÃO DOS PARTICIPANTES	47
3.4 PROCEDIMENTOS PARA O RECOLHIMENTO DAS HISTÓRIAS ORAIS	49
3.5 TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS	52
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	56
4.1 O CONSTANTE ORGANIZAR DA ASDEREN	58
4.1.1 A HISTÓRIA ORAL (DE VIDA) DA RENDEIRA	60
4.1.2 OS AGENTES, ARRANJOS MATERIAIS E SUAS RELAÇÕES	61
4.1.3 A PANDEMIA CHEGOU, E AGORA?	64
4.1.4 TECENDO PRÁTICAS E ARRANJOS	66
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	73

REFERÊNCIAS	78
APÊNDICE A. ROTEIRO DE ENTREVISTA	84
APÊNDICE B. PROTOCOLO DE DIÁRIO DE CAMPO	85
APÊNDICE C. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	86
APÊNDICE D. SÍNTESE PARA SOCIEDADE	88

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As principais tentativas de transformação do artesanato como sistema de produção foram encontradas entre os povos primitivos, seguidos por grupos que desempenham atividades específicas (SOUSA, 2015). A autora complementa que ainda nos tempos contemporâneos o artesanato ocupa um papel social importante. No artesanato existe uma pluralidade artística manual que é desenvolvida por pessoas simples, utilizando-se de um saber-fazer transmitido hereditariamente; essa atividade é fonte de renda de diversas famílias e também se constitui como um elemento de identidade sociocultural do estado de Sergipe (PADRÃO, 2013).

Ao observarmos o papel social do artesanato e compararmos com a trajetória das rendeiras estudadas neste estudo, notamos que as mulheres rendeiras, pela sua produção de rendas, adquirem autonomia financeira e entre outros aspectos culturais, passam a ter o status de artesãs e trabalhadoras, em virtude da valorização da atividade produtiva na contemporaneidade. Enfim, essa transformação permite a esse conjunto de mulheres migrar do status de domésticas (do lar) para o status de artesãs (trabalhadoras) (SILVEIRA, CAMPOS. MIGUEL, 2019).

Por meio do artesanato muitas dessas mulheres puderam conquistar autonomia e emancipação. Não é incomum se deparar com os relatos de mulheres que puderam custear seus estudos e os de seus filhos, outras que adquiriram independência financeira. Independente de qual tenha sido a conquista, é inegável a ascensão da representatividade que essas mulheres adquiriram a partir da prática artesanal.

A produção artesanal está presente em todo o território nacional e é reconhecida como uma expressão importante da identidade local e da diversidade cultural brasileira, enriquecendo o patrimônio simbólico e artístico nacional. Além disso, o artesanato representa também uma atividade econômica relevante, que gera inúmeras ocupações, seja na produção, seja na comercialização dos produtos (SEBRAE, 2021).

Diante desse contexto, podemos mencionar a Renda Irlandesa, que se desenvolveu a partir do final do século XIX no nordeste brasileiro e de forma predominante a partir do século XX em Divina Pastora e em outros municípios do estado de Sergipe, como Laranjeiras, Rosário do Catete, Riachuelo, Santa Rosa de Lima, São Cristóvão, Maruim e Aracaju (AMARAL, 2011; SILVA, 2016; OLIVEIRA, 2018). É válido ressaltar que a Renda Irlandesa

é um dos produtos artesanais de maior destaque no estado de Sergipe (SILVEIRA; CAMPOS; MIGUEL; 2019). Embora seja produzida em outras localidades de Sergipe, é em Divina Pastora que há a maior concentração de rendeiras e onde a atividade tem maior importância socioeconômica e simbólica (IPHAN, 2018).

Diante de sua importância para o estado – e país – a Renda Irlandesa confeccionada em Divina Pastora passou a ser interesse de estudo de pesquisadores, principalmente dos campos da História e Museologia. No entanto, acredita-se que o estudo desse objeto pode, e deve, ser mais explorado no campo dos Estudos Organizacionais. Dito isto, é válido chamar atenção para o fato de que este campo de estudos paulatinamente distanciou-se daquilo que as pessoas fazem em seu cotidiano organizacional e conseqüentemente passou a teorizar e modelar as organizações de forma muito abstrata (BARLEY, KUNDA, 2001; GHERARDI, 2000; GEIGER, 2009; SANTOS, ALCADIPANI, 2015).

Possas (2015) nos leva a refletir que, muitas vezes, não vem à nossa mente a forma pela qual as organizações acontecem e na tentativa de mentalizar esse processo, nos passa despercebido que as organizações precisam de pessoas para que seja mantida. Diante disso, a autora faz alguns questionamentos: se as pessoas não existissem, as organizações seriam possíveis? De certa forma, essa questão contradiz o conhecimento que tem se acumulado nas teorias organizacionais tradicionais, nas quais a organização é entendida como um conjunto de pessoas que compartilham um objetivo em comum e usam a organização como um meio para atingi-lo (CZARNIAWSKA, 2013).

Nessa linha de pensamento, muitas vezes a organização é entendida como algo fixo, estável e concreto (PECI, 2003). Diante disso, as organizações são desvinculadas das ações humanas, distanciando, dessa forma, as teorias tradicionais dos estudos que enfocam as pessoas e seus afazeres cotidianos (SANTOS, ALCADIPANI, 2015). Tendo em vista que nas últimas décadas o campo focou extremamente em aspectos formais e estáticos das organizações, Schatzki (2005) ressalta a importância de voltar o olhar para o que é concretamente feito (dito, pensado, sentido) em tempo real no desenrolar das atividades organizacionais. Dessa forma, sem se preocupar em definir as organizações, deve-se entender que estas são formadas por comportamentos repetitivos, recíprocos e contingentes, que se desenvolvem e são mantidos entre dois ou mais atores (WEICK, 1973).

Para Weick (1973), a organização não é uma entidade fixa, controlável, estável e reificada, mas, ao contrário, se constitui de práticas e processos. Dessa forma, as organizações

são constituídas pelas ações humanas e, conseqüentemente, um produto dessas ações; possuindo assim, todas as características inerentes ao ser humano, como a mudança, as emoções, a imprevisibilidade, entre outras (CLEGG, KORNBERGER, RHODES, 2005). Sendo assim, Santos e Alcadipani (2015) ressaltam que essa perspectiva retoma a realidade vivida pelos agentes organizacionais, enfatizando que, sem as pessoas, as organizações não seriam possíveis.

Assume-se nesta pesquisa uma visão processual e temporal das organizações, de modo que essas não são mais entendidas como substantivos, no sentido de serem entidades fixas, homogêneas e estáveis, mas sim como verbos ou processos, isto é, a organização passa a ser compreendida como processos ou práticas de organização (*organizing*), os quais se mostram heterogêneos, difusos e complexos, em constantes fluxo e transformações (DUARTE, ALCADIPANI, 2016). Assim, também assumimos que as práticas não são estáticas, mas podem se repetir ou se modificar, intencionalmente ou não (SCHATZKI, 2005). E é nesse sentido que a organização é entendida como um fluxo que é constantemente ordenado e reordenado por agentes (CZARNIAWSKA, 2013).

Assim, adota-se como pressuposto que as organizações são resultado de práticas e processos (WEICK, 1973), a mudança é condição inerente e, por isso, a organização se encontra em constante transformação (TSOUKAS, CHIA, 2002), transformações essas que envolvem um complexo movimento em que os atores organizacionais criam sentido continuamente sobre suas ações (CZARNIAWSKA, 2006). Na tentativa de lançar esse olhar para as organizações e entender uma determinada organização na perspectiva do *organizing* (WEICK, 1973), neste trabalho, analisa-se a ASDEREN (Associação de Desenvolvimento de Renda Irlandesa de Divina Pastora), com a finalidade de compreendê-la como resultado de suas práticas e processos.

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

Muitas pesquisas foram realizadas buscando compreender aspectos da Renda Irlandesa confeccionada em Divina Pastora (MARTINS, ALMEIDA, 2010; PADRÃO, 2013; SOUSA, 2015; ASSIS FILHO, 2018; OLIVEIRA, 2018; SILVEIRA, CAMPOS, MIGUEL, 2019). No entanto, nota-se que apesar de haver uma produção considerável acerca da Renda Irlandesa em Sergipe, os trabalhos estão focados na descrição da confecção da renda e/ou na preservação da mesma.

Diante de tudo que foi exposto até então, fica evidente que a Renda Irlandesa e a Associação de Renda Irlandesa de Divina Pastora têm grande importância no cenário socioeconômico e cultural de Sergipe, bem como do Brasil. Isso fica evidente não somente por meio do vislumbre da história de desenvolvimento deste artesanato no estado, mas também por todos os prêmios e realizações alcançadas pela ASDEREN, como por exemplo, o título de Patrimônio Cultural Imaterial (IPHAN, 2018), o selo de Indicação Geográfica e também o prêmio TOP 100 de artesanato do SEBRAE (ASSIS FILHO, 2018; SILVEIRA, CAMPOS, MIGUEL, 2019).

Mesmo com o interesse crescente de pesquisadores neste objeto de estudo, identificam-se algumas lacunas que podem auxiliar no avanço da compreensão das associações, das atividades das rendeiras, e também do que pode ser feito para preservar esta atividade no estado, como pode ser observado em Martins e Almeida (2010) e Amaral (2011). Levando-se em consideração o fato de que o município de Divina Pastora se destaca dos demais municípios do estado na produção deste artesanato (DANTAS, 2001; AMARAL, 2011; SILVEIRA, CAMPOS, MIGUEL, 2019), é válido ressaltar que pouco foi produzido buscando compreender os processos e agentes que fizeram (e fazem) com que a Renda Irlandesa passasse a ser um dos principais produtos artesanais de Sergipe, tornando o estado, inclusive, referência nacional na produção dessa renda.

Para preencher essa lacuna acredita-se nas contribuições do *organizing* (WEICK, 1969; CZARNIAWSKA, 2008a, 2008b), que, com seu foco de análise a partir do organizar (ALCADIPANI, TURETA, 2008) representa esforços de pesquisa para entender as organizações “como elas acontecem” (SCHATZKI, 2005), sugerindo uma lente temporal e processual. Por outro lado, acredita-se que a perspectiva das Práticas Organizacionais (SCHATZKI, 2002, 2005) contribui para esta pesquisa com sua noção de práticas, arranjos materiais e agentes (humanos e não humanos).

A partir das considerações precedentes, adotam-se duas questões essenciais, no campo dos estudos organizacionais (POSSAS, 2015), como ponto de partida: a) ‘o que é a organização?’; e, b) ‘como compreender as organizações na perspectiva do conceito de *organizing*?’. Apesar de esses questionamentos não serem inéditos no campo dos estudos organizacionais, esta pesquisa se diferencia no sentido de que ao adotar uma perspectiva interpretativa, deixando de lado uma abordagem meramente descritiva das organizações, busca-se uma aproximação entre o teórico e o empírico para responder à questão orientadora

deste trabalho: **Como se constitui o *organizing* da ASDEREN por meio de suas práticas e processos?**

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

O presente estudo tem como objetivo **compreender como a ASDEREN se organiza como resultado de suas práticas e processos.**

1.2.2 Objetivos Específicos

Nesse intuito, têm-se os seguintes objetivos específicos:

- Identificar os agentes/atores que se relacionam com as práticas da ASDEREN;
- Entender os papéis dos atores e as relações formadas no cotidiano da ASDEREN;
- Entender as práticas organizacionais realizadas pela ASDEREN.

1.3 JUSTIFICATIVA

O intuito de estudar a confecção e desenvolvimento da Renda Irlandesa foi contribuir de alguma maneira para a diminuição da sua desvalorização, ressaltar a falta de reconhecimento desse artesanato e, ainda, propor um espaço de continuidade para essa atividade no estado, garantindo às rendeiras ganhos mais condizentes com a riqueza do trabalho que executam (MARTINS; ALMEIDA, 2010). Concorda-se também com as autoras a respeito da importância de incentivar o fortalecimento do associativismo entre as rendeiras.

Diante de tantas conquistas, mencionadas anteriormente, a Renda Irlandesa confeccionada em Sergipe passou a ser interesse de estudo de muitas pesquisas, principalmente dos campos da História e Museologia, como pode ser observado em Amaral (2011); Mello e Silva (2014); Silva (2016) e Oliveira (2018). Esses e outros estudos (MARTINS, ALMEIDA, 2010; SOUSA, 2015; ASSIS FILHO, 2018) visam apresentar, descrever e/ou sugerir formas de preservar e salvaguardar a Renda Irlandesa no estado, devido

ao reconhecimento da sua representatividade histórica, cultural, social e econômica para o estado e para o país.

Tendo em vista a importância de preservação dos títulos já conquistados pela Renda Irlandesa no estado de Sergipe, esta pesquisa mostra-se relevante pois entende-se ser de suma importância para o desenvolvimento das pequenas localidades sergipanas o reconhecimento de suas indicações geográficas tanto como marketing dos produtos e serviços, quanto no incremento de seus valores econômicos e culturais (PADRÃO, 2013).

É válido ressaltar que o ambiente competitivo e a busca incessante pelos resultados organizacionais levam as organizações a um contexto de aperfeiçoamento das suas práticas para a sobrevivência no mercado de trabalho (ASSIS FILHO, 2018). No que concerne às Associações de Renda Irlandesa soma-se a isso a importância em preservar um “saber-fazer” popular culturalmente reconhecido no Brasil. Havendo dessa maneira a necessidade de se compreender e disseminar práticas que tornem mais eficazes as vendas das peças, a compra de insumos; bem como, que consolidem as bases contábeis e administrativas dessa atividade, o que pode proporcionar um aumento do número de clientes, bem como o auxílio no desenvolvimento desse patrimônio (MARTINS; ALMEIDA, 2010).

Dito isso, acredita-se que o campo dos estudos organizacionais pode contribuir também para a preservação desse patrimônio por meio da compreensão, preservação e visibilidade dos fazeres das rendeiras (MELLO; SILVA, 2014), bem como das políticas públicas e de instituições privadas que desenvolvem estratégias para apoiar a preservação deste artesanato.

No que se refere às abordagens teóricas adotadas nesta pesquisa, o presente estudo pretende trazer maior compreensão acerca da Renda Irlandesa em Sergipe, com base nas literaturas do *organizing* e das Práticas Organizacionais. Dessa forma, acredita-se contribuir com uma melhor compreensão da realidade organizacional da Renda Irlandesa estudada com base nos seguintes aspectos das teorias escolhidas: a) explorar a análise organizacional a partir de uma perspectiva processual e reflexiva, voltando a atenção para a “produção da organização” (COOPER, BURREL, 1988, p. 106); e b) voltar o olhar para aquilo que as pessoas realmente fazem nas organizações (SANTOS, ALCADIPANI, 2015), bem como levar em consideração na análise os agentes e os arranjos materiais (SCHATZKI, 2005).

Dito isso, o uso da perspectiva do *organizing* se justifica, pois, acredita-se que as organizações seriam melhor compreendidas enquanto verbos (*organizing*), ressaltando a sua

natureza processual (WEICK, 1979). Em consonância com isso, sob essa perspectiva, Duarte e Alcadipani (2016) ressaltam que os estudiosos do campo deveriam voltar-se mais para os processos do que para as estruturas e no organizar mais que nas organizações, defendendo, desta forma, um retorno ao organizar como o estudo do que as pessoas fazem quando agem coletivamente a fim de atingirem algo.

Essa perspectiva analítica é relevante, pois, segundo Czarniawska (2010), os Estudos Organizacionais convencionais tendem a: a) ignorar o fato de que as ações de organizar não estão restritas às organizações formais, pois também são praticadas por grupos informais; b) não enfatizar a interação e a colaboração entre organizações e demais agentes; e, por fim, c) ofuscar o fato de que as organizações e seus objetivos podem ultrapassar as intenções para as quais foram criadas, de modo que suas ações podem ter consequências inesperadas.

Dito isto, nesta pesquisa adota-se a abordagem das Práticas Organizacionais de Schatzki (2002, 2005) para investigação do *organizing* da ASDEREN. Essa articulação teórica seguiu a recomendação de Duarte e Alcadipani (2016), que argumentam que o uso dessas duas abordagens em conjunto contribui para uma compreensão processual acerca das organizações. Além de seguir tal recomendação, levou-se em consideração também o fato de que, apesar de as práticas serem largamente empregadas nos estudos organizacionais, Bedani e Veiga (2015) explicam que ao se analisar a literatura identificam-se lacunas, as quais denunciam que as práticas ainda são um construto carente de aprofundamento.

Destaca-se aqui a contribuição de estudos históricos sobre como os fenômenos acontecem nas organizações e também sobre a trajetória organizacional. A história sendo considerada como uma atividade que provém da ação. Ou seja, ela não é fixa, estática ou dada, mas sim elaborada. Em outras palavras, a história é entendida como um “fazer”, fruto do trabalho e esforço para construí-la (SANTOS, 2014).

Essa nova relação entre história e organização, calcada pelo reconhecimento da história organizacional, foi impulsionada, igualmente, pelo esclarecimento da conexão entre passado e presente. Muitas vezes colocados em oposição, estes conceitos estavam conjugados, como um estado atual e outro retrospectivo (TORRES, 1987). O presente é o passado refletido, de onde a importância da trajetória organizacional, fonte de compreensão, de previsão e de legitimação para as organizações.

Essa pesquisa justifica-se ainda pela relevância das discussões em torno da produção de renda irlandesa (reconhecida como patrimônio cultural) (SILVEIRA; CAMPOS; MIGUEL, 2019). A relevância desta pesquisa reside em três dimensões principais, conforme apresenta o Quadro 01.

Quadro 01 - Relevância da Pesquisa

Relevância Acadêmica	Relevância Prática	Relevância Social
Explora-se um objeto de pesquisa ainda pouco estudado pela Administração, grupos de artesãos, mas de grande relevância sociocultural	Auxilia-se no entendimento de como as organizações são criadas e recriadas a partir das práticas constantes e do resultado de processos	Entende-se a organização de um grupo de artesãs brasileiras de destaque nacional e internacional como um fluxo constante e ilimitado de práticas
Incentiva-se a produção de estudos brasileiros que questionam as formas mais tradicionais de estudar organizações	Contribui-se com o conhecimento sobre o modo como as organizações acontecem, como a organização emerge	Permite-se que a organização estudada se modifique, se reinvente, permitindo que o cotidiano das interações sociais molde as configurações organizacionais
Acrescenta-se um estudo ao arcabouço de estudos teóricos, e principalmente, empíricos sobre organizing	Amplia-se a compreensão de que a organização é cotidianamente construída por seus agentes	Percebe-se que as formas organizacionais se modificam em suas interações com as pessoas e objetos, e, consequentemente, modificam as interações interpessoais
Amplia-se o entendimento sobre o processo de desenvolvimento de serviços, articulado à apreciação de um potencial de uma região cultural e comercial que ‘influencia o saber-fazer da bordadeira’	Fornece-se informações que podem reforçar o interesse na necessidade de aumentar-se os investimentos em capacitações empreendedoras para o público envolvido na pesquisa	Possibilita-se o desencadeamento de ações para a visibilidade da produção artística e das mulheres estudadas

Fonte: elaborado pela autora (2022) baseado em Geiger (2009); Amaral (2011); Possas (2015); Santos e Alcadipani (2015); Assis Filho (2018); Silva *et al.* (2019); Silveira, Campo e Miguel (2019)

1.4 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Esta dissertação está estruturada em cinco capítulos, sendo eles: (1) Introdução, (2) Fundamentação Teórica, (3) Metodologia, (4) Apresentação e Análise dos Resultados, (6) Considerações Finais. Na Introdução foi apresentada a contextualização da pesquisa, evidenciando o problema, os objetivos (geral e específicos) e a justificativa.

O segundo capítulo apresenta a fundamentação teórica, onde são apresentadas as abordagens teóricas que norteiam a pesquisa: a) *Organizing* (WEICK, 1979, CZARNIAWSKA, 2008b); e, b) Práticas Organizacionais (SCHATZKI, 2002, 2005). Neste capítulo apresenta-se ainda uma breve articulação entre as abordagens teóricas selecionadas

que auxiliaram no desenvolvimento da pesquisa e também uma contextualização da história da Renda Irlandesa.

Já o terceiro capítulo apresenta os procedimentos metodológicos que foram adotados, na pesquisa. Narrando, dessa forma, sobre o objeto escolhido, as fontes utilizadas, a técnica de análise, a aproximação e acesso ao campo e os elementos norteadores da coleta e análise dos dados.

No capítulo quatro encontramos a apresentação e análise dos dados, onde é analisado o constante organizar da ASDEREN, enfocando questões sobre os agentes, as práticas e os arranjos materiais, e também sobre as dicotomias presentes no constante organizar dessas práticas que emergiram da análise dos dados. E, por fim, apresenta-se as considerações finais do trabalho, no capítulo cinco, destacando as contribuições e limitações do trabalho, bem como uma breve sugestão de agenda de pesquisa sobre o tema.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O presente trabalho baseia-se em duas perspectivas teóricas, sendo elas: a) *Organizing* (WEICK, 1979; CZARNIAWSKA, 2008b); e, b) Práticas Organizacionais (SCHATZKI, 2002, 2005). É válido ressaltar que tais perspectivas poderão aparecer no corpo do trabalho mais como uma perspectiva de análise e menos como uma teoria. Antes de tratar especificamente sobre as teorias, desenvolve-se um breve tópico de exposição acerca das limitações da abordagem tradicional no entendimento das organizações. Em seguida, desenvolve-se brevemente sobre algumas ponderações teóricas acerca de cada um dos temas norteadores da pesquisa: *organizing* e práticas organizacionais. E, por fim, apresenta-se um breve histórico da Renda Irlandesa em Sergipe, juntamente com a articulação teórica deste trabalho.

2.1 ABORDAGENS TRADICIONAIS E SUAS LIMITAÇÕES

Na década de 1960, houve uma transição da teoria da administração para a teoria da organização, sendo essa mudança resultante de uma corrente, na época, emergente das ciências naturais, o behaviorismo (CZARNIAWSKA, 2006, 2013). Essa corrente, marcadamente positivista, trouxe um legado das ciências naturais para o estudo das organizações, o que é possível perceber com o advento das duas abordagens que, ao longo das teorias organizacionais, exerceram certa predominância: abordagem mecânica e abordagem orgânica (MORGAN, 2002). O Quadro 02 apresenta as principais características de ambas abordagens.

Quadro 02 - Características abordagens mecânica e orgânica

Abordagem Mecânica	Abordagem Orgânica
Trabalha com a ideia de que os membros da organização devem buscar atingir um objetivo específico em comum; As máquinas são racionalmente concebidas para a realização de um trabalho anteriormente estipulado, atribuindo-se grande importância à parte estrutural; Orientam os estudos e as práticas administrativas desde a Revolução Industrial, predominando a ideia de que as organizações devem funcionar como máquinas, funcionando de forma rotineira, eficiente, confiável e previsível.	Entende a organização como partes independentes que se conectam na tentativa de sobreviver no ambiente, do qual recebe estímulos e ao qual deve se adaptar para garantir sua sobrevivência que só poderá ser atingida se houver uma relação apropriada entre as partes que a constituem; Dirige a atenção para aspectos mais gerais de sobrevivência, para relações entre organização e ambiente, deixando metas, estruturas e eficiência em segundo plano, e apresentando preocupações de natureza mais biológicas.

Fonte: elaborado pela autora (2022) com base em Morgan (2002) e Possas (2015)

Ambas as abordagens entendem a organização como um sistema composto de partes mecânicas ou orgânicas, e, conseqüentemente, focam seus estudos em sua estrutura, e nas partes que o compõem (POSSAS, 2015). Essa mudança fez com que a administração deixasse de ser vista como uma teoria da ação e passasse a ser entendida como uma teoria de algo que existe independente da ação humana (CZARNIAWSKA, 2013). Por consequência, as teorias organizacionais que enfatizam as estruturas reificaram de tal forma a organização, que ela é entendida como uma entidade passível de agir, pensar e reagir, completamente independente da ação humana (PECI, 2003; SANTOS, ALCADIPANI, 2015; POSSAS, 2015).

Dessa forma, a palavra ‘organização’ como um substantivo foi utilizada para caracterizar um conjunto de partes organizadas, como unidades autônomas; logo, a atenção das teorias organizacionais se voltou para o desempenho e a eficiência dessa estrutura e sua adaptação aos estímulos do ambiente externo, descrito, geralmente como estável e simples (CZARNIAWSKA, 2013). Como resultado disso, as organizações passaram então a ser vistas como algo fixo, durável e concreto (CLEGG, KORNBERGER, RHODES, 2005), o que gerou a ideia de estabilidade, rotina e ordem (POSSAS, 2015). Assim, nas abordagens tradicionais, a mudança é entendida como algo excepcional que deve ser evitado e corrigido (TSOUKAS, CHIA, 2002).

Na abordagem tradicional, a organização é composta por partes estruturais, das quais as pessoas são constituintes e devem contribuir para aumentar sua eficácia e eficiência (MORGAN, 2002). Sendo assim, ao focar no desempenho e na eficiência organizacional, entende-se que a organização é algo fixo, estável e concreto (PECI, 2003). Nesse sentido, passou a ser comum o estudo das organizações sob uma divisão pré-estabelecida, cuja as entidades eram analisadas como se tivessem fronteiras claras (TURETA, ARAÚJO, 2013), sendo observadas tomando por base suas dicotomias, tradição/modernidade, formalidade/informalidade, centralização/descentralização, entre outros.

No entanto, a problemática no uso das dicotomias se dá pelo fato de ela determinarem, a princípio, as categorias que explicariam a forma de organização de determinada entidade, ao invés de buscar compreender como os diversos interesses são negociados na interação entre os dois "pólos" (TURETA, ARAÚJO, 2013).

Essa forma de entender as organizações continua hegemônica nos estudos organizacionais e possui grande representatividade nas publicações internacionais e nacionais

(VERGARA, CALDAS, 2005; DUBERLEY, JOHNSON, CASSEL, 2012; POSSAS, 2015). Apesar do predomínio da forma reificada e dicotômica de pensar as organizações, a partir dos anos 1970, principalmente nos estudos culturais, devido à influência de área do conhecimento como a antropologia e sociologia, as relações objetividade e subjetividade começaram a ser questionadas, ganhando espaço nas teorias organizacionais a subjetividade e a dimensão qualitativa (PECI, 2003; DUBERLEY, JOHNSON, CASSEL, 2012).

Somado a isso, as abordagens tradicionais apresentaram certas limitações com o passar do tempo (CZARNIAWSKA, 2013). Uma das maiores críticas atribuídas a essas abordagens foi o extremo objetivismo aliado a elas, pois, sendo as organizações entendidas como objetos tangíveis, concretos e objetivos, a ideia de organização torna-se extremamente funcionalista e limitante (VERGARA, CALDAS, 2005).

Igualmente, questionamentos sobre os limites organizacionais e a divisão entre a organização e seu ambiente começaram a aparecer, como, por exemplo, o argumento de que os ambientes externos a uma organização consistem em sua maior parte de outras organizações e que os problemas externos são, conseqüentemente, causados e criados por elas. Ao mesmo tempo, esses modelos tradicionais não conseguiram explicar a turbulência a que algumas organizações estavam submetidas, devido à demanda por inovação e a necessidade de rápidas mudanças, até que outros estudos passaram a revelar que as estruturas eram resultados de processos (WEICK, 1973; CZARNIAWSKA, 2013).

Ainda que, os estudos, na área administrativa, se pautem, em sua maior parte, pela corrente positivista, voltando sua atenção para as partes estruturais e para o ambiente que circunda a organização, ambos entendidos como estáveis, previsíveis e passíveis de eficiência. Alguns estudos organizacionais atuais têm voltado seu foco para a perspectiva processual das organizações (POSSAS, 2015).

Sendo assim, para contrapor essa rotina dentro dos estudos organizacionais, alguns autores consideram importante uma análise organizacional a partir da ideia de organizações sem fronteiras (TURETA, ARAÚJO, 2013). Dentro dessa lógica, as organizações são tratadas como um acontecimento que envolve um pacote de práticas e arranjos materiais (SCHATZKI, 2006). O espaço social, no qual se desdobra qualquer aspecto da vida, é composto por uma malha de práticas humanas e arranjos materiais que estão profundamente interligados, representando o domínio do qual os fenômenos fazem parte (SCHATZKI, 2005).

2.2 ORGANIZING

É válido relatar que para fins desta pesquisa o *organizing* servirá mais como uma perspectiva de análise do que como uma teoria. Sendo assim, neste tópico se apresentará uma breve revisão de literatura acerca do tema e algumas características dessa abordagem que servirão de auxílio à pesquisadora no desenvolvimento da pesquisa.

Na década de 1960, houve uma transição da teoria da Administração para a teoria da Organização, sendo essa mudança resultante de uma corrente, na época, emergente das Ciências Naturais, o behaviorismo (CZARNIAWSKA, 2006). Morgan (1980) explica que essa corrente – marcadamente positivista – trouxe um legado das Ciências Naturais para o estudo das organizações, o que, segundo o autor, é possível perceber com o advento das duas abordagens que exerceram certa predominância: mecânica e orgânica.

É válido mencionar que ambas as abordagens entendem a organização como um sistema composto de partes mecânicas ou orgânicas, e, conseqüentemente, focam seus estudos em sua estrutura e nas partes que as compõem. Essa mudança fez com que a Administração deixasse de ser vista como uma teoria da ação e passasse a ser entendida como uma teoria de algo que existe independentemente da ação humana (PECI, 2003; CZARNIAWSKA, 2013; SANTOS, ALCADIPANI, 2015; POSSAS, MEDEIROS, VALADÃO JÚNIOR, 2017).

Os autores Passos, Medeiros e Valadão Jr. (2017) explicam que a atenção das teorias organizacionais se voltou para o desempenho e a eficiência dessa estrutura e sua adaptação aos estímulos do ambiente externo, descrito, geralmente, como estável e simples (CLEGG, KORNBERGER, RHODES, 2005; CZARNIAWSKA, 2013), gerando a ideia de rotina e ordem. Diante disso, tradicionalmente, uma organização passou a ser entendida como um sistema social limitado, com estruturas e objetivos específicos e que atua de forma mais ou menos racional e coerente (COOPER, BURREL, 1988), como uma espécie de ferramenta ou estrutura voltada para que um grupo atinja seus objetivos (CZARNIAWSKA, 2013).

Em síntese, nas teorias organizacionais tradicionais, as organizações são entendidas como um conjunto de pessoas que compartilham um objetivo comum e usam a organização como um meio para atingi-lo (CZARNIAWSKA, 2013). Peci (2003) afirma que a palavra organização ganhou tanta força que passou a ser entendida como uma entidade que pensa, age e toma decisões, sendo, dessa forma, desvinculada das ações humanas. Nesse sentido, as teorias tradicionais se distanciaram dos estudos que enfocam as pessoas e seus afazeres

cotidianos (SANTOS, ALCADIPANI, 2015; PASSOS, MEDEIROS, VALADÃO JÚNIOR, 2017).

Possas, Medeiros e Valadão Jr. (2017) afirmam que essa forma de entender as organizações continua predominante nos Estudos Organizacionais (EO) e possui grande representatividade nas publicações nacionais e internacionais. Em contrapartida, apesar do domínio da forma reificada de pensar as organizações, a partir dos anos 1970, as relações objetividade e subjetividade começaram a ser questionadas, e a subjetividade e a dimensão qualitativa ganharam espaço nas teorias organizacionais (PECI, 2003).

Questões como: a) o que é uma organização?; b) organizações seriam possíveis sem as interações das pessoas?; c) seriam elas entidades fixas e estáveis?; d) se não o são, como fazer para compreendê-las?; e) é a organização tão neutra, natural e não problemática quanto parece?; f) a organização por si só é capaz de nos fazer compreender fenômenos organizacionais complexos?, desafiaram o campo, e, não raro, estudiosos lançam seu olhar para respondê-las, oferecendo conceituações novas de termos até então consagrados na literatura tradicional (DUARTE, ALCADIPANI, 2016; POSSAS, MEDEIROS, VALADÃO JÚNIOR, 2017).

Tais questionamentos acerca dos limites entre as organizações e seu ambiente começaram a se multiplicar, de forma que as teorias tradicionais não conseguiam explicar a turbulência a que algumas organizações estavam submetidas, devido à demanda por inovação e a necessidade de rápidas mudanças (WEICK, 1973; CZARNIAWSKA, 2013). Essas lacunas levaram autores (WEICK, 1973; LATOUR, 2005; SCHATZKI, 2005; CZARNIAWSKA, 2013) a voltarem sua atenção para a perspectiva processual das organizações.

Em 1969, Karl Weick publicou um trabalho sugerindo que o termo organização deveria ser entendido como um verbo – *organizing* – e não como um substantivo – *organization* (WEICK, 1973). Para o autor, as organizações devem ser entendidas como processos que se criam, se conservam e se dissolvem. O autor complementa que, estudar os processos resulta em um retrato mais fiel do fluxo contínuo de ações que compõem as práticas organizacionais. Nessa perspectiva, a organização deve ser entendida como uma construção constante dos atores, de suas práticas e de suas interpretações do que estão fazendo (CZARNIAWSKA, 2008b).

Sendo assim, essa nova abordagem possibilita a exploração da análise organizacional a partir de uma perspectiva processual e reflexiva, voltando as atenções para “a produção da

organização e não para a organização da produção” (COOPER, BURREL, 1988, p. 106). Duarte e Alcadipani (2016) argumentam que Cooper (1976) teve grande influência no desenvolvimento dessa abordagem, ao propor uma epistemologia do processo como uma base necessária para o desenvolvimento de ações humanas, destacando a necessidade de se pensar a ação humana e o exercício do pensamento em termos difusos e processuais, e não os tratando como fenômenos definidos por uma realidade previamente construída e entendida como racional e objetiva.

Corroborando com isso, os autores Cooper e Law (1995) argumentam que falar de *organizing* é considerar que as organizações estão sempre em curso ativo de ações, como um contínuo resultado de processos precários e parciais. Para os autores, é preciso entender as organizações enquanto fenômenos heterogêneos emergentes, ressaltando que o nome ‘organização’ existe somente como um resultado contínuo do organizar, entendido como ordenamentos locais de práticas de organizar que coletivamente formam a realidade social.

Para Weick (1979), o nome ‘organização’ denota que tais entidades são rígidas e estáticas, sendo assim, o autor propõe aos estudiosos do campo de EO que estes se voltem mais para os processos do que para as estruturas e no *organizing* mais que nas organizações, defendendo, desta forma, um retorno ao organizar como o estudo do que as pessoas fazem quando agem coletivamente a fim de se atingir algo. Dessa forma, estudar o *organizing* requer abandonar a ideia de que as organizações sempre existiram independentemente da ação humana e aceitar que é a ação que a torna possível (CZARNIAWSKA, 2008b; POSSAS, MEDEIROS, VALADÃO JÚNIOR, 2017).

Sem se preocupar em definir as organizações, Weick (1973) entende que estas são formadas por comportamentos repetitivos, recíprocos e contingentes, que se desenvolvem e são mantidos entre dois ou mais atores. Apesar de a compreensão do autor não repousar nas definições de práticas, ele defende que a organização é sim o resultado de um conjunto de atividades realizadas coletivamente por meio da interação dos diversos atores organizacionais.

Isto posto, adotou-se para esta pesquisa a noção de que as organizações estão em constante mudança e transformação (POSSAS, MEDEIROS, VALADÃO JÚNIOR, 2017) e para compreendê-las é necessário fazer esforços a fim de entendê-las ‘como elas acontecem’ (SCHATZKI, 2006), optando-se por utilizar o *organizing* como uma lente processual e temporal de análise (DUARTE, ALCADIPANI, 2016).

Diante do exposto, compreende-se que estudos sobre história e trajetória organização se mostram presentes na agenda de pesquisa dos teóricos organizacionais, a partir de diversas perspectivas teóricas e metodológicas e as mais variadas tipologias organizacionais. Para o cumprimento dos objetivos desta dissertação, optou-se por compreender a organização numa abordagem dinâmica e processual (DUARTE; ALCADIPANI, 2016; SANTOS; SILVEIRA, 2015) e com a adoção da história (nova) como princípio analítico-interpretativo.

Para Vizeu (2010), o uso da perspectiva histórica na construção do conhecimento sobre a gestão e a organização brasileiras pode ocorrer mediante a adoção de um quadro teórico-conceitual constituído a partir da análise histórica ou mesmo pela aplicação da pesquisa histórica enquanto método de análise empírica e analítica. Para o Vizeu (2010), a pesquisa histórica em si mesma possibilita a teorização sobre os fenômenos organizacionais contemporâneos, justamente por permitir um melhor entendimento sobre problemas, temas priorizados e aspectos gerais relacionados à prática organizacional

Dito isso, e sabendo-se que esse trabalho busca investigar o *organizing* de uma rede de rendeiras de Sergipe, optou-se por se utilizar a base teórica das Práticas Organizacionais que será apresentada mais profundamente no próximo tópico.

2.2. PRÁTICAS ORGANIZACIONAIS

A preocupação com aquilo que as pessoas “realmente fazem” nas organizações não é algo necessariamente novo para o campo dos Estudos Organizacionais (SANTOS, ALCADIPANI, 2015). Bedani e Veiga (2015) explicam que, analogamente ao que ocorreu com os valores, o interesse pelas práticas organizacionais sofreu impulso significativo a partir da década de 1980, também em decorrência da popularização dos trabalhos sobre cultura organizacional.

Segundo Santos e Alcadipani (2015), essa preocupação com o que as pessoas realmente fazem está presente nos Estudos Organizacionais desde os Estudos de Hawthorne, quando procurou-se entender a princípio o efeito da luminosidade e, em seguida, a questão do fator humano como componente essencial do trabalho das pessoas. Outro exemplo que pode ser citado é o trabalho de Mintzberg (1973) que apontou, a partir da análise da rotina diária dos gerentes, que os papéis desempenhados por eles eram, na prática, diferentes daqueles que sugerem as teorias baseadas no comportamento racional.

Utilizando uma abordagem semelhante, Starbuck (1983) destacou que na prática existe de fato uma diferença entre aquilo que os gerentes dizem que fazem e aquilo que realmente fazem. Já Orr (1996), voltando o olhar não para os gerentes, mas para técnicos de manutenção, mostrou por meio de uma análise das práticas cotidianas de trabalho dessas pessoas que os estudos organizacionais estavam muito distantes e pouca relação tinham com aquilo que é real e concretamente feito para se concluir um trabalho.

É possível observar que o campo dos Estudos Organizacionais com o passar do tempo distanciou-se daquilo que as pessoas fazem em seu cotidiano organizacional e conseqüentemente passou a teorizar e modelar as organizações de forma muito abstrata (GHERARDI, 2000; BARLEY, KUNDA, 2001; GEIGER, 2009; SANTOS, ALCADIPANI, 2015). Diante disso, Santos e Alcadipani (2015, p. 80) explicam que percebendo a necessidade de se retomar a análise do cotidiano organizacional, diferentes autores têm se esforçado na tentativa de “(re)descobrir e de (re)aplicar o conceito de prática para compreender diferentes elementos do dia-a-dia das organizações”.

Neste movimento de recuperação da prática observa-se que elementos como estratégia (WHITTINGTON, 1996), tecnologia (ORLIKOWSKI, 2000), aprendizagem (GHERARDI, 2000; ORLIKOWSKI, 2002), e marketing (HIRSCHMAN, SCOTT, WELLS, 1998), por exemplo, têm sido analisados pelo ponto de vista das práticas. Apesar dessa busca por retomar os estudos das práticas como elas acontecem, o autor Geiger (2009) ressalta que embarcar na virada da prática exige mais do que olhar para a prática como sendo, simplesmente, aquilo que os atores fazem.

Dentro desse cenário, que consiste em desvendar o que constitui o “mundo das práticas”, o autor Theodore Schatzki tem se destacado e influenciado a análise das práticas organizacionais (SCHATZKI, 2005; 2006). O autor introduz a sua concepção ontológica que é denominada por Santos e Alcadipani (2015) de uma ontologia das práticas sociais. Schatzki (2005) posiciona essa ontologia em um conjunto mais amplo que o autor chama de ontologias contextuais (*site ontologies*).

De maneira geral, essas ontologias contextuais, explica o autor, pressupõem que a “vida social” existe e se desenrola sempre “dentro” de um dado contexto (*site*) que é fundamental para analisar e explicar os fenômenos sociais. Para Schatzki (2005), aquilo que uma entidade e/ou evento é, está interligado com o contexto, da mesma forma que a natureza e a identidade do contexto estão imbricadas nas entidades e/ou nos eventos; isto é, as

características individuais são ontologicamente contínuas às características do contexto social no qual elas existem.

É necessário ter em mente que a perspectiva da prática defendida por este autor propõe uma ontologia social distinta que não privilegia indivíduos, ações, linguagem, sistemas, instituições e/ou estruturas como fenômenos sociais básicos – a ordem social, ou a coexistência humana, nesse caso, é concebida como algo que se desenrola nos – e a partir – das malhas práticas-arranjos. Isto é, o que constitui o espaço social total, ou o lugar do social, no qual as pessoas coexistem, não é uma prática em particular e/ou um arranjo específico, mas sim a malha entrelaçada de diferentes práticas e arranjos que são levados a cabo em meio às diversas atividades humanas (SCHATZKI, 2002, 2005; SANTOS, ALCADIPANI, 2015).

2.2.1 Conceitos

Aqui, apresentar-se-ão alguns conceitos importantes para a compreensão desta perspectiva teórica e que serão utilizados como referência neste trabalho. Schatzki (2002, 2005) articula uma ontologia das práticas sociais em que o lugar do social – ou seja, o contexto no qual a coexistência humana se desenrola – é composto por uma malha (rede ou emaranhado) não só de práticas, mas também de arranjos materiais. Isto é, para esse autor a vida social (coexistência humana) transpira de forma inerente como parte de uma malha de práticas e arranjos.

Diante disso, faz-se necessário explicar aqui os conceitos de práticas e arranjos que, por sua vez, serão adotados neste trabalho.

a) O que são as práticas?

Schatzki (2005, p. 471) define prática como “um conjunto organizado e amplo de articulações de ações interpostas”. Essa definição de prática como atividades humanas organizadas chama a atenção dos autores Santos e Alcadipani (2015) para os termos: “atividade” e “organizada”. Os autores explicam, fundamentados em Schatzki (2001) que o termo “atividade” remete à noção de prática como um ‘emaranhado’, um conjunto estruturado de ações realizadas pelas pessoas ao longo do tempo e do espaço – jogar futebol, organizar, cozinhar.

Cada uma dessas atividades, ou conjunto de ações, que compõem uma prática pode ser encarada como um conjunto incorporado de fazeres e dizeres, primeira e diretamente, ou

como as ações que esses fazeres e dizeres incorporados constituem (SCHATZKI, 2005; SANTOS, ALCADIPANI, 2015). É válido mencionar que para estes autores essas ações “básicas” não acontecem no vácuo e elas acabam sempre instituindo outras ações no contexto em que são levadas a cabo.

Diante de tais informações, os autores Santos e Alcadipani (2015, p. 84) chamam atenção para o questionamento: “o quê organiza uma prática?”; colocando de outra maneira, “o que faz com que determinadas ações (fazer e dizer incorporados) possam ser/estar reunidas sob uma mesma atividade humana – sob uma mesma prática – e outras não?”. Os autores corroboram com a perspectiva de Schatzki (2005) que defende que as múltiplas ações das pessoas se interligam (ou se organizam) e ganham uma identidade conjunta não de maneira aleatória ou desordenada, mas em torno de uma dada prática por meio de uma estrutura composta por três elementos fundamentais: entendimentos, regras e estruturas teleoafetivas.

b) Agentes

Os agentes – que nesta pesquisa também podem ser chamados de atores – são encarados como portadores de uma (ou de várias) prática(s), isto é, como portadores de certas formas rotinizadas de se comportar, de entender, de saber, de desejar, de falar que são inerentes à prática social na qual se engajam e não deles próprios (SCHATZKI, 2005; SANTOS, ALCADIPANI, 2015).

Segundo Reckwitz (2002), a noção de agente humano depende do engajamento em uma determinada prática – não existimos longe das práticas –, e se refere àqueles corpos/mentes que exercem/desenvolvem/desempenham; enfim, praticam cada uma das diversas práticas que constituem o mundo social. O autor ressalta que é de acordo com as práticas nas quais se engajam diariamente que um agente humano (praticante) é capaz de entender a si próprio e ao mundo em que vive.

Sendo assim, os autores Bengtsson, Sandberg e Dall’alba (2006) ressaltam que nos tornamos pais, administradores, médicos, engenheiros na medida em que aprendemos como praticar a paternidade, a administração, a medicina, a engenharia. Na medida em que nós não apenas sabemos o que essas práticas envolvem, mas também nos tornamos praticantes delas.

Por fim, é necessário ter em mente que, na perspectiva de Schatzki (2002), a vida social – ou a coexistência de diferentes vidas humanas – se dá, ou se mantém por meio de uma inteligibilidade prática “forjada não só via condições mentais-estruturas teleoafetivas,

mas também em meio a diferentes arranjos materiais nos quais executamos nossas atividades” (p. 147), onde “artefatos, outros organismos vivos, coisas [...] são componentes e determinantes da vida social tão importantes quanto as pessoas” (p. 21). Esse é um elemento cuja incorporação envolve o reconhecimento de que as relações sociais não podem ser restritas apenas às relações entre seres humanos, isto porque, os arranjos materiais ajudam a constituir as organizações como algo que abriga atividades humanas (SCHATZKI, 2005).

c) Arranjos Materiais

Na definição de Schatzki (2002), os arranjos materiais constituem cenários – em conjunto com as práticas – nos quais as pessoas, artefatos, organismos e ‘coisas’ coexistem, ou seja, posicionam-se, relacionam-se e ganham uma dada identidade (no caso das pessoas) e um dado significado (no caso dos demais elementos). O autor explica que esses cenários tomam, em geral, a forma dos layouts em que as atividades humanas (práticas) se desenrolam e com as quais estamos mais ou menos acostumados – a fábrica, a escola, o escritório.

Estes cenários incluem ainda o que Schatzki (2005) chama de conexões físicas entre as entidades e/ou entre os layouts dos diferentes arranjos. Tureta e Alcadipani (2009) exemplificam, diante disso, que a coexistência de pessoas em uma empresa ocorre por meio da organização e da configuração dos corredores, das salas, das mesas dos escritórios, bem como das comunicações estabelecidas com outros locais.

Apesar de os ‘objetos’ (e, outras pessoas) se apresentarem para nós de maneira objetiva, Suchman (2005) explica que eles são sempre precários, isto é, ganham significados e identidades não por causa de uma essência existente a priori, e sim devido às associações que formam com outros objetos e outras pessoas nas atividades em que estão engajados. Diante disso, a autora ressalta que para compreendê-los (os objetos) não podemos separá-los dos arranjos que eles materializam na prática.

Em consonância com esse pensamento, Tureta e Alcadipani (2009) defendem que a centralidade de alguns objetos ou elementos não-humanos na prática é tão importante que sua ausência pode suspender e até inviabilizar a realização dela. Já Reckwitz (2002) ressalta que a relação sujeito-sujeito perde a sua condição de prioridade (e exclusividade) diante da relação sujeito-objeto que emerge como um elemento também fundamental para uma dada prática.

2.3 SÍNTESE TEÓRICA

2.3.1 A Renda Irlandesa

A procura pelas origens se revela como um estímulo natural que motiva a curiosidade dos homens e este fenômeno também se aplica à renda irlandesa. O nome que se dá à renda e seu vínculo com um país europeu com o qual o Brasil não possui laços conhecidos na história e na sua formação cultural incita a curiosidade das pessoas (IPHAN, 2018). A partir do estudo do IPHAN (2018), observa-se que existem diferentes versões sobre a tradição da renda irlandesa. Todavia, todas se referem a atividades realizadas em conventos europeus no Brasil, franceses e irlandeses, principalmente, que a partir do século XIX buscavam ensinar essa técnica como alternativa para evitar seu desaparecimento com o advento da revolução industrial.

Mello e Silva (2014) ressaltam que o passado constantemente reelaborado, ressignificado e reinterpretado na contemporaneidade implica em questões de origem, mas também na salvaguarda de um “modo de fazer” singular em tempos de acentuada globalização e homogeneização de peças. Sendo assim, compreendendo a renda irlandesa enquanto legado cultural, Silva (2016) chama a atenção para a preservação e divulgação dessa prática. A autora complementa que para que isso se realize, necessita-se de maiores investimentos através de políticas públicas e incentivos de empresas privadas.

Dito isto, pode-se observar que apesar de estar presente em alguns municípios de Sergipe, a tradição da Renda Irlandesa em Divina Pastora é muito antiga e está diretamente ligada às raízes culturais brasileiras do século XIX e XX (ASSIS FILHO, 2018). A Associação para o Desenvolvimento da Renda Irlandesa de Divina Pastora (ASDEREN) foi fundada em 2000 com o apoio do Programa Artesanato Solidário (PADRÃO, 2013).

No final de 2007 a Associação de Rendeiras de Divina Pastora (ASDEREN) entrou junto ao IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) com pedido de registro do modo de fazer renda irlandesa; em 2008 a associação recebe o título de Patrimônio Cultural Imaterial e em 2009 o pedido relatado anteriormente é aprovado entrando para o Livro de Registros dos Saberes o Modo de Fazer Renda Irlandesa em Divina Pastora – SE (AMARAL, 2011; OLIVEIRA, 2018). Em 2012 a associação obteve o título de Indicação Geográfica (IG) na modalidade Indicação de Procedência (IP) concedida pelo Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI). No ano de 2014, essas mulheres ganharam pela

terceira vez o prêmio TOP 100 de artesanato do SEBRAE na categoria Bordados e Rendas (ASSIS FILHO, 2018; SILVEIRA, CAMPOS, MIGUEL, 2019).

Observa-se que com todas as conquistas anteriormente relatadas, o município de Divina Pastora passou a se destacar dos demais na produção da renda irlandesa (DANTAS, 2001; AMARAL, 2011; SILVEIRA, CAMPOS, MIGUEL, 2019). Padrão (2013) ressalta a importância dos produtos com Indicação Geográfica (IG), uma vez que estes obtêm uma valorização no mercado por sua qualidade e seu modo de saber-fazer, pois o seu local de produção passa a ser relacionado à geografia e à cultura. No entanto, no processo de obtenção da IG as rendeiras enfrentaram conflitos internos e externos à associação, conforme pode ser observado em Assis Filho (2018). Oliveira (2018) afirma que na época em que sua pesquisa foi realizada ainda se mantinha o não uso do selo e também a ineficácia do Conselho Regulador, o que poderia inferir diretamente na perda da concessão da IG pelo INPI, por não estarem cumprindo o regulamento de uso em Divina Pastora.

Diante desse cenário, há a identificação de algumas lacunas que podem auxiliar no avanço da compreensão das associações, das atividades das rendeiras, como também do que pode ser feito para preservar esta atividade no estado, como pode ser observado em Amaral (2011), onde o autor indica a importância de se estudar “a prática das ações pretendidas pelos Planos de Salvaguarda”, e também em Martins e Almeida (2010) que sugerem “a busca de estratégias de divulgação da renda e das associações das rendeiras”. Por outro lado, Sousa (2015) em sua pesquisa identificou alguns parceiros da ASDEREN e descreveu brevemente a intensidade das parcerias das entidades junto à associação em questão. A autora ressalta que o bem estar das rendeiras e da associação pode ser compreendido como a união de fatores econômicos e não econômicos, podendo ser melhorado com o aperfeiçoamento das relações institucionais.

Ante o exposto e visando contribuir com o avanço nos estudos acerca desse objeto de pesquisa, buscou-se neste trabalho – conforme explanado em capítulos anteriores – compreender o processo constante do organizar (*organizing*) da ASDEREN, tendo em vista a importância dessa entidade para o seu município, estado e país. Bem como, argumenta-se a necessidade de olhar para essa organização sob novas lentes, diferentes das que têm sido utilizadas até o momento.

Para tal, optou-se por utilizar as abordagens teóricas e analíticas do *Organizing* e das Práticas Organizacionais, já abordadas e revisadas anteriormente. A seguir, no entanto,

apresentar-se-á a articulação teórica dessas duas abordagens, bem como os argumentos e fundamentos que serviram de referência para realização deste trabalho.

2.3.2 Articulação entre *Organizing* e Práticas Organizacionais

Como já foi relatado anteriormente, a Renda Irlandesa é um dos produtos artesanais de maior destaque no estado de Sergipe (SILVEIRA; CAMPOS; MIGUEL; 2019). Esse artesanato está presente em diversos municípios do estado, como Laranjeiras, Rosário do Catete, Riachuelo, Santa Rosa de Lima, São Cristóvão, Maruim e Aracaju (AMARAL, 2011; SILVA, 2016; OLIVEIRA, 2018). Diante desse cenário, constata-se que a Renda Irlandesa é um patrimônio importante do estado e por isso, precisa ser preservado.

Devido à tamanha importância desse artesanato para o estado – e até para o país – algumas pesquisas (MARTINS, ALMEIDA, 2010; AMARAL, 2011; MELLO, SILVA, 2014; SOUSA, 2015; SILVA, 2016; ASSIS FILHO, 2018; OLIVEIRA, 2018) foram realizadas tendo como objeto de estudo a Renda Irlandesa, visando apresentar, descrever e/ou sugerir formas de preservar e salvaguardar a Renda Irlandesa no estado. Diante desse cenário, foi possível notar que pouco foi produzido buscando compreender os processos e atores que fizeram (e fazem) com que a Renda Irlandesa se consolidasse e passasse a ser um dos principais produtos artesanais de Sergipe, tornando, inclusive, o estado referência nacional na produção dessa renda.

Argumenta-se aqui que uma das maneiras de aprofundar e preservar o conhecimento ligado a esse artesanato é por meio do desenvolvimento de pesquisas que visem não apenas divulgar este saber fazer, mas compreendê-lo, entendendo o contexto em que está inserido, como se organiza e como tem se perpetuado com o passar do tempo.

Este argumento fundamenta-se na noção de que uma organização reúne uma grande variedade de práticas (SANTOS, ALCADIPANI, 2015). Sendo assim, adotou-se para esta pesquisa a perspectiva de que uma organização é construída como um emaranhado de malhas práticas-arranjos e, dessa forma, passa a ser encarada como: a) um produto de ações executadas pelas pessoas em meio às práticas (atividades humanas) existentes; b) uma rede que envolve práticas existentes e um mix de novos e antigos arranjos materiais; c) uma organização que continua existindo por meio da perpetuação de suas práticas e da manutenção

dos seus arranjos materiais; e, d) uma organização que acomoda evolução e mudança na sua rede de malhas práticas-arranjos (SCHATZKI, 2005).

Visando contribuir para o avanço do conhecimento acerca desse objeto de pesquisa, este trabalho busca compreender o processo de organizar (*organizing*) da Renda Irlandesa da ASDEREN por meio da abordagem teórica das Práticas Organizacionais. Acredita-se que ao utilizar essa lente teórica e analítica torna-se possível identificar os agentes (ou atores), bem como o(s) contexto(s) e as práticas que permitem a existência e desenvolvimento da ASDEREN.

É necessário ter em mente aqui que falar de *organizing* é considerar que as organizações estão sempre em curso ativo de ações, como um contínuo resultado de processos e práticas precários e parciais; é entender as organizações enquanto fenômenos heterogêneos emergentes, ressaltando que o nome ‘organização’ existe somente como um resultado contínuo do organizar (ou *organizing*), entendido como ordenamentos locais de práticas de organizar que coletivamente formam a realidade social (COOPER, LAW, 1995).

Dito isto, argumenta-se aqui que as organizações não se resumem ao ‘social’, ou seja, às pessoas e suas ações, relações e interações, mas vai além dele (LAW, 2002). Isso significa dizer que, nesta pesquisa, a relação sujeito-sujeito perde a sua condição de prioridade (e de exclusividade) diante da relação sujeito-objeto que emerge como um elemento também fundamental para uma dada prática (RECKWITZ, 2002).

Essa relação sujeito-objeto ganha destaque nesta pesquisa, principalmente, devido aos títulos, selos, prêmios e objetos que diferenciam o objeto de estudo deste trabalho. Assume-se aqui que as práticas se sustentam, se reproduzem e se transformam, portanto, não apenas por meio das relações entre os praticantes (humanos), mas também das relações que se estabelecem entre pessoas e objetos (SCHATZKI, 2002). Sendo assim, compreender o *organizing* da ASDEREN envolve não somente ‘desvendar’ as atividades humanas, mas também apreender as configurações materiais na qual elas estão imersas.

Os arranjos materiais, forjados nas práticas, exibem um caráter normativo – as coisas e as pessoas estão normalmente arranjadas de modo que possam agir facilmente de forma correta, aceitável e/ou desejável. Fundamentados em Schatzki (1996), os autores Santos e Alcadipani (2015) argumentam que quando uma prática é realizada em um cenário específico, esse cenário é arranjado de modo a permitir a realização eficiente e coordenada das ações que a constituem. Os autores explicam que o layout resultante reflete não só os significados

‘entrelaçados’ que as entidades (humanas e não humanas) envolvidas nessa prática possuem em virtude de estarem ‘ali’, mas também, e como parte da mesma moeda, os seus entendimentos, regras e estruturas teleoafetivas.

Ressalta-se que nesta pesquisa, a organização é entendida como resultado de um processo que envolve as práticas organizacionais e as relações entre os atores. Argumenta-se aqui que o constante processo de se organizar pressupõe a mudança contínua, logo os estudos podem ser direcionados para o movimento entre continuidade e descontinuidade, constância e mudança (BAKKEN, HERNES, 2006).

Para compreender o constante de *organizing* do objeto estudado, adotou-se a perspectiva das Práticas Organizacionais. Feldman e Orlikowski (2011) argumentam que a prática pode ser posicionada de acordo com três abordagens: a) um foco empírico; b) um foco teórico; e, c) um foco filosófico. Neste estudo buscou-se a intersecção entre essas três abordagens. Empiricamente, buscou-se olhar para ‘o que’ as pessoas fazem em seu cotidiano, investigando como as rendeiras agem e quais as atividades rotineiras da organização. Já no referente à abordagem teórica, buscou-se compreender as relações entre as ações que as pessoas executam e as estruturas da vida organizacional, dessa forma, olhamos para o ‘como’ são geradas as dinâmicas da atividade cotidiana e como operam dentro de diferentes contextos e ao longo do tempo. Por fim, referente ao foco filosófico, adotamos para esta pesquisa a premissa de que a realidade social é fundamentalmente constituída por práticas, isto é, ao invés de ver o mundo social como externo aos agentes ou como socialmente construído por eles, vemos o mundo social como trazido à tona por meio da atividade cotidiana.

Ressalta-se então que, para esta pesquisa, as organizações são resultados das interações entre as pessoas. Os arranjos materiais, em certa medida, e em conjunto com as pessoas, auxiliam o processo de se organizar (POSSAS, 2015). Porém, o contrário não é verdadeiro, pois, somente os objetos, separadamente, não constituem uma organização. Desse modo, ao modificarmos a forma de pensar as organizações, elas passam a ser entendidas como resultado de nossas ações (SCHATZKI, 2005). Sendo assim, argumenta-se aqui que as práticas são permeadas por materiais que coexistem com os humanos (TURETA, ALCADIPANI, 2009) e, em conjunto com as pessoas, auxiliam no processo de se organizar (SCHATZKI, 2005), ressaltando que é a atividade humana que atribui sentido aos objetos (POSSAS, 2015).

Assume-se ainda, para este trabalho, o entendimento de que as organizações não possuem uma limitação física, como se houvesse algum tipo de barreira ou limite que delimitasse até onde elas podem ir ou quem faz ou não parte daquela organização (POSSAS, 2015). É só pensarmos nas inúmeras organizações de que fazemos parte, por exemplo, somos parte das escolas em que estudamos, do nosso trabalho, do supermercado no qual fazemos compras, do espetáculo que assistimos, entre outras, pois, sem nós, essas formas de se organizar não existiriam.

Dessa forma, as organizações são constantemente performadas, por isso, deve-se abandonar a ideia de que elas sempre existiram (CZARNIAWSKA, 2006) e deixar de observá-las como se tivessem limites e fronteiras bem estabelecidas (TURETA, ARAÚJO, 2013), fortalecendo o olhar para as organizações sob dicotomias pré-estabelecidas. Pois, argumentamos que as ações podem se manter ou se modificar, isto é, as práticas não são estáveis (COOPER, 1992), desse modo, a mudança é condição inerente da organização (TSOUKAS, CHIA, 2002).

É válido ressaltar que, assumir categorias pré-estabelecidas e fazer análises baseado em dicotomias tradicionais não reduz a importância dos trabalhos, dado que muitos deles realizaram análises ricas e aprofundadas sobre aquilo que se propuseram a fazer e contribuíram para revelar um universo particularmente brasileiro, com nuances de nossa história social, cultural, econômica e política (TURETA, ARAÚJO, 2013). Porém, o que pretende-se com este trabalho, diferentemente do enfoque dado na maior parte dos trabalhos existentes, é mover o foco da organização como entidade fixa e claras divisões com o ‘mundo exterior’ para as práticas organizacionais, sem estabelecer fronteiras rígidas entre a organização e seu ambiente (CZARNIAWSKA, 2010).

Esse enfoque dado às práticas está alinhado com a maior preocupação nos estudos organizacionais a respeito daquilo que as pessoas fazem nas organizações enquanto realizam o seu trabalho, ou seja, o processo de organizar visto como algo em constante estado de (re)constituição (LANZARA, 2009; GHERARDI, 2009; TURETA, ARAÚJO, 2013). Uma das características comum entre as teorias da prática é, justamente, superar as várias dicotomias estabelecidas pelas teorias sociais modernas, como sujeito/objeto, mente/corpo e agência/estrutura, deslocando a ênfase do agente ou da estrutura para as relações (SANDBERG, DALL’ALBA, 2009). Dessa forma, esse trabalho não estabeleceu nenhuma

dicotomia a priori como categoria para análise, acreditando-se que as categorias emergiriam do campo.

Por fim, faz-se relevante mencionar aqui que esta pesquisa adota a perspectiva histórica das organizações. Isso porque, buscou-se aproximar a história da organização e as possibilidades de compreensão do processo de ‘organizar’, uma vez que as organizações não podem ser totalmente compreendidas se forem separadas de suas histórias (SILVA, ALFAIA, 2016) e das histórias de quem as faz ser o que são. Silva e Alfaia (2016) defendem que métodos históricos de análise organizacional devem ser reconhecidos, sendo assim, o uso da história neste trabalho é uma escolha não só teórica, mas também metodológica.

Essa perspectiva é amparada pelos paradigmas interpretacionistas, nos quais as organizações são processos que surgem das ações intencionais das pessoas, individualmente ou em harmonia com outras. Elas interagem entre si na tentativa de interpretar e dar sentido ao seu mundo. Sendo assim, a realidade social é, então, uma rede de representações complexas e subjetivas (VERGARA, CALDAS, 2005; SILVA, ALFAIA, 2016).

Diante do exposto, esta pesquisa adotou as perspectivas tanto do *organizing* quanto das Práticas Organizacionais para realização desta pesquisa. Os principais conceitos fornecidos por essas teorias e que adotados para esta pesquisa estão apresentados no Quadro 03. Optou-se por utilizar as definições constitutivas desses conceitos. Martins e Theófilo (2016) destacam a importância dessas definições para a orientação do leitor quanto à compreensão da pesquisa. Dito isso, as definições constitutivas importantes para esta pesquisa são:

Quadro 03 – Principais Conceitos Adotados

Conceito	Definição Constitutiva
<i>Organizing</i>	uma construção constante dos atores, de suas práticas e de suas interpretações do que estão fazendo (CZARNIAWSKA, 2008b)
Prática(s)	“um conjunto organizado e amplo de articulações de ações interpostas” (SCHATZKI, 2005, p. 471)
Agente/Ator	são como portadores de uma (ou de várias) prática(s), isto é, como portadores de certas formas rotinizadas de se comportar, de entender, de saber, de desejar, de falar que são inerentes à prática social na qual se engajam e não deles próprios (SCHATZKI, 2005; SANTOS, ALCADIPANI, 2015).

Arranjos Materiais	constituem cenários – em conjunto com as práticas – nos quais as pessoas, artefatos, organismos e ‘coisas’ coexistem, ou seja, posicionam-se, relacionam-se e ganham uma dada identidade (no caso das pessoas) e um dado significado (no caso dos demais elementos) (SCHATZKI, 2002)
---------------------------	--

Fonte: elaborado pela autora (2022) com base em Schatzki (2002, 2005), Czarniawska (2008b), Santos e Alcadipani (2015)

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta seção apresenta os procedimentos e percursos metodológicos adotados nesta pesquisa para alcançar o objetivo central de **compreender o processo de ‘organizar’ (*organizing*) da ASDEREN como resultado de suas práticas organizacionais.**

3.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA

O modo como o pesquisador entende e interpreta a realidade do mundo influenciará o processo de pesquisa. Sendo assim, faz-se necessário explicitar que este trabalho adotou como pressuposto o entendimento de que a realidade é um produto social, isto é, algo que é construído e, nesse processo, há a participação de múltiplos atores (MONTENEGRO, 2013; CAVALCANTE *et al.*, 2017). Diante disso, é válido ressaltar que na relação sujeito-objeto, subjetivo-objetivo, não existe a primazia de um nem de outro (MONTENEGRO, 2013).

Nesse sentido, quanto aos pressupostos ontológicos, a presente pesquisa se caracteriza como subjetiva, cuja natureza é mutante, focada no significado, na tentativa de entender o que está acontecendo, visualizando a totalidade da situação (REMENYI *et al.*, 1998). Enquanto a epistemologia do estudo é interpretativista, uma vez que tenta compreender os fenômenos por meio dos significados que os atores sociais atribuem a eles; esse posicionamento concentra-se na complexidade do ser humano e dos fenômenos sociais na busca do entendimento dentro de um determinado contexto (POZZEBON, PETRINI, 2013).

Dessa forma, esta pesquisa adotou, essencialmente, uma **abordagem qualitativa**, uma vez que esta abordagem entende a realidade social como uma construção social (FLICK, 2009). Essa abordagem corrobora com a noção de que a realidade é um produto social construída com a participação de múltiplos atores, adotada como pressuposto nesta pesquisa, uma vez que uma das questões principais da pesquisa qualitativa consiste em investigar como as pessoas constroem seus entendimentos do mundo social (MONTENEGRO, 2013). Kalof, Dan e Dietz (2008) afirmam que o ponto central da pesquisa qualitativa é compreender como as pessoas fazem sentido do mundo e cumprem sua vida cotidiana e para explorar isso, essa abordagem foca em comportamentos, interações, sentimentos e símbolos para desvelar o significado embutido nessas questões.

Outra questão da pesquisa qualitativa é que ela segue um processo indutivo em que os dados são coletados e insights teóricos são derivados dos dados, ou seja, a teoria é ‘induzida’

dos dados, em vez de gerar conclusões sobre como os dados devem ser, caso a teoria seja verdadeira (KALOF, DAN, DIETZ, 2008). Essa perspectiva também corrobora com o delineamento desta pesquisa, pois buscou-se fazer com que a noção de *organizing* fosse expandida com base na compreensão das Práticas Organizacionais e, com o auxílio desse arcabouço teórico mais robusto, alcançou-se uma melhor compreensão do fazer coletivo da ASDEREN.

Tendo em vista que este estudo se propôs a investigar a realidade das rendeiras, identificadas neste trabalho pelo seu coletivo representado pela Associação de Renda Irlandesa de Divina Pastora; ressalte-se que, ao realizar a pesquisa qualitativa oferecemos descrições ricas e bem fundamentadas, além de explicações sobre processos em contextos locais identificáveis (STAKE, 2011).

Essa pesquisa se caracteriza como **exploratória-descritiva**. A pesquisa é exploratória porque buscou identificar cursos relevantes e alternativos de ação e obter dados extras antes que se pudesse desenvolver uma abordagem e, ainda, buscou desenvolver uma melhor compreensão do fenômeno estudado. Já a característica descritiva deve-se ao fato de este trabalho ter realizado uma investigação com o intuito de descrever características de um grupo relevante e delimitar as percepções de características de determinados objetos ou fenômenos, aprofundando assim o tema estudado (NEUMAN, 1997; SAUNDERS, LEWIS, THORNHILL, 2007).

No que se refere ao horizonte temporal, esta pesquisa caracteriza-se como de **perspectiva temporal transversal com aproximação longitudinal**, isso porque, por limitações de tempo e cenário pandêmico não foi possível fazer uma observação prolongada sobre o fenômeno estudado, porém, acredita-se que os elementos das narrativas presentes na construção dos fatos revelaram situações que ocorreram a um período anterior ao da pesquisa – o que justifica a aproximação longitudinal (NEUMAN, 1997; SAUNDERS, LEWIS, THORNHILL, 2007). A pesquisa foi realizada no período de março a agosto de 2021.

3.2 ESTRATÉGIA DE PESQUISA

A abordagem qualitativa permite aos pesquisadores adotar diferentes métodos para a condução da pesquisa e, dentre eles, encontramos o método biográfico (MALLIMACI, BÉLIVEAU, 2006; SILVA *et al.*, 2007; CRAIDE, 2011; COLOMBY *et al.*, 2016). Segundo Silva *et al.* (2007), os métodos biográficos caracterizam-se pelo compromisso com a história,

como processo de rememorar, de modo que a vida vai sendo revisitada pelo sujeito. Para Craide (2011), esse método refere-se ao estudo e à coleta de documentos, com o intuito de entender as experiências individuais de vida das pessoas, baseado no conhecimento subjetivo e intersubjetivo. Dhunpath (2010) defende que a biografia apresenta ricas oportunidades para os indivíduos reexaminarem e reconstruírem suas próprias percepções de experiências pessoais. Dentro da metodologia qualitativa biográfica destacam-se a História Oral, Biografia, Autobiografia e História de Vida, sendo importante ressaltar que cada um desses métodos implica em procedimentos próprios (SILVA *et al.*, 2007).

Para o alcance dos objetivos desta pesquisa, adotou-se o método biográfico História Oral com o intuito de compreender como ocorre o processo de ‘organizar’ (*organizing*) das rendeiras que confeccionam a Renda Irlandesa em Divina Pastora, por meio da análise das práticas organizacionais da ASDEREN, a partir das narrativas pessoais de rendeiras que fazem parte dessa rede.

A História Oral, como procedimento metodológico, busca registrar - e, portanto, perpetuar - impressões, vivências e lembranças daqueles indivíduos que se dispõem a compartilhar sua memória com a coletividade e dessa forma permitir um conhecimento do vivido muito mais rico, dinâmico e colorido de situações que, de outra forma, não conheceríamos (MATOS, SENNA, 2011).

Por meio do relato oral, contado de maneira que é própria do sujeito, tenta-se compreender o universo do qual ele faz parte, mostrando a faceta do mundo subjetivo em relação permanente e simultânea com os fatos sociais (SILVA *et al.*, 2007). Dessa forma, o que interessa ao pesquisador é o ponto de vista do entrevistado. O foco não está na exatidão factual da história construída, mas no significado que ela tem para o indivíduo (SPINDOLA, SANTOS, 2003; DHUNPATH, 2010).

A partir do relato de histórias individuais, pode-se caracterizar a prática social de um grupo, visto que a entrevista individual traz à tona, direta ou indiretamente, uma quantidade de valores, definições e atitudes do grupo ao qual o indivíduo pertence (CRAIDE, 2011). Desse modo o entrevistado é visto a partir do seu passado - com sucessos, falhas, contradições e ambiguidades - e de suas esperanças no futuro. Examina-se o seu tempo histórico, revelando, assim, como ele foi influenciado pelas ideias e valores religiosos, sociais, psicológicos e econômicos do seu tempo (GODOY, 2018).

3.3 CRITÉRIOS E ESTRATÉGIAS PARA SELEÇÃO DOS PARTICIPANTES

De fato, o desafio inicial do pesquisador que utiliza o método biográfico por meio da História Oral é a seleção dos sujeitos que participarão da investigação, bem como estabelecer quantas histórias serão necessárias para atingir o objetivo proposto na pesquisa (CRAIDE, 2011).

Para um maior entendimento dos fenômenos, no que diz respeito à seleção dos sujeitos que farão parte da pesquisa, Craide (2011) alerta que é importante definir traços preponderantes que ligam as trajetórias de pessoas e que interessam ao objetivo da pesquisa e, então, decidir quem deve ser entrevistado. Desse modo, no que diz respeito aos critérios para escolha dos participantes, aqui foram definidos os seguintes:

- a. Ser rendeira ou associada;
- b. Atuar no cenário de Renda Irlandesa há no mínimo 3 anos.

Inicialmente a proposta seria realizar a pesquisa no estado de Sergipe, envolvendo as associações de Renda Irlandesa não só de Divina Pastora, mas também dos demais municípios apontados pelas pesquisas de Mello e Silva (2014), Silva (2016), Sousa (2015) e IPHAN (2018), como Laranjeiras e Maruim. Para isso, entre janeiro e fevereiro de 2021 a autora tentou entrar em contato com os representantes das associações por meio de contato telefônico para agendar as primeiras visitas, o que possibilitaria o primeiro contato com o campo, no entanto, das tentativas realizadas obteve-se apenas a resposta da ASDEREN o que fez com que a pesquisadora mudasse a abrangência da pesquisa e optasse por estudar a associação em questão, tendo em vista o prazo para a realização da pesquisa e o cenário pandêmico.

Após o primeiro contato realizado por ligação telefônica, a pesquisadora obteve o retorno positivo da ASDEREN por meio de sua representante, que concordou em agendar a primeira visita à Associação. A partir desse momento os contatos passaram a ser via *WhatsApp*. A pesquisadora agendou a primeira visita, tendo como objetivo o primeiro contato com o campo a fim de fazer as primeiras observações e contatos informais. Apesar de esse primeiro contato ter sido no dia 10 de fevereiro de 2021, a primeira visita só ocorreu em 01 de março de 2021, isso porque durante esse período houveram alguns imprevistos que impediram a visita, dentre eles: a) decreto estadual e municipal declarando o fechamento temporário de alguns estabelecimentos como medida de segurança para restringir a contaminação pela Covid-19 que no período em questão estava com alto índice de casos; b)

falecimento de um parente próximo da representante da associação; c) problemas de saúde da pesquisadora.

Já no primeiro contato foi exposto à representante da associação os objetivos e métodos da pesquisa, que foram explicados mais profundamente na primeira visita ao campo. Após a primeira visita, a pesquisadora tentou marcar as entrevistas, no entanto foi alertada que devido à pandemia grande parte das rendeiras não poderiam participar da pesquisa devido sua idade ou outros fatores - como a saúde, por exemplo - que poderiam colocá-las em risco e, por isso, a pesquisa só poderia ser realizada com algumas integrantes da equipe administrativa da associação.

Diante desse cenário e também tendo sido informada acerca das dificuldades por parte das rendeiras de terem acesso à ferramentas que possibilitam encontros remotos, a pesquisadora optou por não alterar os critérios de seleção dos entrevistados e também não abriu mão das entrevistas presenciais, por entender que pessoalmente as entrevistas iriam atender melhor aos critérios e especificidades do método História Oral. Desse modo, em maio de 2021 foram realizadas as entrevistas com 3 rendeiras da ASDEREN que se enquadraram no perfil da pesquisa e se propuseram a participar. O processo de recrutamento dos entrevistados está explicitado na Figura 01. Ressalta-se que esse lapso temporal entre a primeira visita e a realização das entrevistas deve-se às dificuldades para conseguir marcar uma agenda com as entrevistadas, vezes por imprevistos pessoais de uma das partes envolvidas na pesquisa, vezes pela divulgação de decretos que definiam o não funcionamento do estabelecimento a ser estudado. Esses fatos e empecilhos foram registrados no Diário de Campo (Apêndice B) a fim de serem levados em consideração no momento das análises, afinal, tanto o contexto, quanto os fatores pessoais influenciam nas práticas e na forma de se organizar das rendeiras e da associação.

Figura 01 - Recrutamento dos Entrevistados



Fonte: elaborado pela autora (2022)

Quanto à quantidade de participantes, Craide (2011) destaca que um aspecto comum entre as pesquisas que envolvem narrativas é o fato de contemplarem um menor número, o qual varia muito entre os estudos que adotam abordagens biográficas. Para a autora, não há um número pré-determinado de sujeitos a serem investigados. Dessa forma, de acordo com Craide (2011), a representatividade para o estudo, neste caso, não é conseguida pelo grande número de entrevistas, mas pela riqueza de informações obtidas. Fato corroborado por Colomby *et al.* (2016) e Vieira (2021) ao defenderem que não há um número padrão de participantes em cada pesquisa, sendo as realizadas com menos participantes mais focadas nas histórias individuais, que são diversas e singulares, mas que também dizem de um contexto social no qual o sujeito está inserido. Sendo assim, foram analisadas as histórias orais de três rendeiras para compreender o processo de *organizing* da associação da qual fazem parte por meio de suas práticas organizacionais.

3.4 PROCEDIMENTOS PARA O RECOLHIMENTO DAS HISTÓRIAS ORAIS

Conforme as rendeiras manifestavam o interesse e disponibilidade em participar da pesquisa, era agendada a entrevista presencial. Ficava a critério delas a escolha do dia, horário e local. A pesquisadora sempre demonstrou total flexibilidade para se adequar à disponibilidade do entrevistado.

Os contatos eram feitos via *Whatsapp* e intermediados pela representante da associação, isso devido à dificuldade de acesso a essa ferramenta das outras participantes do estudo. Dessa forma, a agenda era marcada e confirmada com ela e no dia em questão a pesquisadora se dirigia até o local para encontrar as entrevistadas. Em seguida, foram realizadas as entrevistas presenciais, que como mencionado anteriormente ocorreram no período de maio de 2021. Por conta do cenário pandêmico causado pela Covid-19, no momento das entrevistas, foram seguidos todos os protocolos de segurança, conforme orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS), tais como o uso de máscara e álcool em gel (pela pesquisadora e entrevistados), bem como mantido o distanciamento social.

No encontro presencial, foram esclarecidos os objetivos e procedimentos éticos e metodológicos do estudo, e formalizado o aceite de cada participante por meio das assinaturas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (Apêndice C) em duas vias, pela pesquisadora e entrevistados, sendo uma via do documento destinada para cada participante e a outra arquivada pela pesquisadora.

O recolhimento das narrativas foi realizado por meio de diferentes momentos, na sede da associação. É importante ressaltar a importância da escolha do local onde são realizadas as entrevistas, pois, conforme Mallimaci e Béliveau (2006) defendem, o local deve ser negociado, tendo em vista que uma conversa pode, às vezes, assumir um caráter íntimo, na qual o entrevistado deve se sentir à vontade para falar sobre si mesmo. Faz-se necessário ressaltar que a história oral é, geralmente, extraída de entrevistas. E no caso desta pesquisa, foram realizadas entrevistas em profundidade. Foi realizada apenas uma entrevista com cada participante. As entrevistas foram gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas e analisadas pela entrevistadora.

No primeiro momento, foram recolhidas as histórias de modo que cada entrevistado fizesse a narração livre da sua história de vida, sem a utilização de qualquer roteiro prévio, somente utilizando-se da frase inicial: “Conte-me sobre você, qual a sua história?”, para o início das narrativas. Dessa forma, a cada uma das entrevistadas foi disponibilizada a oportunidade de relatar a sua história, da maneira que considerassem mais apropriada, buscando-se a interferência mínima por parte da pesquisadora. Durante todo esse primeiro momento, além do registro do áudio, a pesquisadora também tomava notas para revisar determinados tópicos no segundo momento da entrevista, buscando aprofundar aquela temática sem interromper a fala do entrevistado.

Sendo assim, durante esse processo de recolhimento das histórias, priorizou-se a escuta livre, ocorrendo apenas algumas intervenções pontuais para o estímulo à continuidade e aprofundamento da narrativa. Apesar de o pesquisador não poder falar demais, de modo que interrompa o entrevistado a todo instante e nem poder manter-se silencioso a todo momento, os autores Craide (2011) e Vieira (2021) recomendam que o pesquisador incite e encoraje o entrevistado a falar mais sobre determinados assuntos.

Ressalta-se aqui a importância da relação pesquisador-entrevistado, que mostrou-se primordial para o andamento da pesquisa. Martins (2004) destaca que, para que a pesquisa seja realizada, é importante que o pesquisado aceite o pesquisador e introduza-o no seu grupo e dê-lhe a liberdade de saber da sua vida e observar a sua realidade. Esse mergulho do pesquisador ao grupo ou cultura do qual ele não pertence exige uma aproximação, baseada na simpatia, confiança, afeto e amizade. Essa aproximação permitiu que os entrevistados convidassem a pesquisadora a fazer parte de eventos futuros da associação, partilhassem fotos

e em determinados momentos da fala, se emocionassem ao lembrar-se de momentos importantes de sua trajetória, o que também comoveu a pesquisadora.

No segundo momento da entrevista, a pesquisadora revisitou a fala dos entrevistados, solicitando que ele se aprofundasse mais em determinada temática, bem como algumas anotações feitas no diário de campo com base nas suas observações. Esse segundo momento serviu para estreitar o relacionamento entre pesquisadora e pesquisadas a fim de aprofundar algumas temáticas relevantes para o desenvolvimento da pesquisa.

Por fim, no terceiro momento da entrevista, a pesquisadora utilizou um roteiro (Apêndice A) padronizado para abordar questões da história narrada pela entrevistada com questões específicas do objeto do estudo. Esses procedimentos foram adotados tomando por base as orientações de Craide (2011) que defende que o pesquisador tenha em mãos um caderno de campo no qual tomará nota das impressões, encontros e reflexões. Essa recomendação serve para não perder nenhuma informação referente ao contexto da entrevista. Segundo Vieira (2021), essa recomendação serve para não perder nenhuma informação referente ao contexto da entrevista.

Não foi possível realizar um segundo encontro com os entrevistados devido novas instruções de isolamento social e novos decretos determinando novamente o fechamento de estabelecimentos que não prestavam serviço essencial, no entanto, a representante da associação (que foi uma das entrevistadas) mostrou-se disponível para a necessidade de qualquer contato futuro, sendo assim, ao revisar as entrevistas e havendo a necessidade de algum esclarecimento a pesquisadora entrava em contato com a entrevistada por meio do *WhatsApp* para tais esclarecimentos, isso ocorreu por duas vezes no período de julho e agosto de 2021.

Para fins de preservação da identidade de cada entrevistado, mesmo eles não se importando com a divulgação, seus nomes foram alterados, conforme ciência e concordância dos mesmos. Desse modo, eles serão apresentados neste estudo, respectivamente, pelos nomes de Joana, Ana e Josefa.

Ressalto que as entrevistas foram realizadas no período de maio de 2021, constando maiores detalhes no Quadro 04.

Quadro 04 - Dados das entrevistas realizadas com as rendeiras

ENTREVISTADO	ENTREVISTA	
	DATA	DURAÇÃO
JOANA	04/05/2021	00:53:49
ANA	04/05/2021	01:03:24
JOSEFA	24/05/2021	01:49:38
TOTAL	-	03:46:51

Fonte: elaborado pela autora (2022)

Verifica-se que as entrevistas tiveram uma duração média de 01h15min37seg.

3.5 TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS

Após realização das entrevistas com as rendeiras, foi realizada a análise dos dados por meio da análise de conteúdo desenvolvida por Bardin (2011). Trabalhou-se com o pressuposto de que um texto contém sentidos e significados que não precisam, necessariamente, ser interpretados pelas vias da quantificação. Assim, os indicadores foram considerados em sua qualidade, sendo a palavra o foco de atenção, como advoga Bardin (2011, p. 43) “a análise de conteúdo trabalha a palavra, quer dizer, a prática da língua realizada por emissores identificáveis”.

Por meio dessa técnica de análise das comunicações analisou-se o que foi dito nas entrevistas e observado pela pesquisadora, segundo orientações de Silva e Fossá (2015). Os autores ressaltam ainda que na análise do material, deve-se buscar classificá-lo em temas ou categorias que auxiliam na compreensão do que está por trás dos discursos.

A transcrição das entrevistas foi realizada pela própria pesquisadora, logo após a conclusão de cada uma delas, o que, de acordo com Vieira (2021) permite uma maior aproximação dos sujeitos e aprofundamento do objeto da pesquisa. O discurso foi fielmente transcrito e, após a transcrição, os relatos foram lidos e relidos diversas vezes no decorrer da pesquisa e desenvolvimento do trabalho, tanto para a descrição das histórias como para a apreensão das possíveis categorias emergentes das falas dos entrevistados.

Ao concluir as transcrições, foram seguidas as seguintes etapas da técnica (Figura 02) proposta por Bardin (2011), organizadas em três fases principais: a) pré-análise; b) exploração do material; e, c) tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

Figura 02 - Etapas da Análise de Conteúdo

Fonte: elaborado pela autora (2022) com base em Bardin (2011)

No momento inicial, foram sistematizadas as ideias iniciais com base no referencial teórico do que se pretendia explorar para responder aos objetivos desta pesquisa, isto é, foram feitas anotações relacionando os objetivos e quais aspectos da teoria poderiam auxiliar no atingimento das respostas (Quadro 05). Dessa forma, essas ideias auxiliaram no estabelecimento dos indicadores de acordo com os objetivos da pesquisa para a interpretação das informações coletadas. Essa fase compreendeu a leitura geral das entrevistas transcritas para a análise. Além disso, foi efetuada a organização do material, tal sistematização serviu para que a pesquisadora pudesse conduzir as etapas seguintes da análise.

Quadro 05 - Fase Inicial

Objetivo	Ideias iniciais	Indicadores
Identificar os agentes e arranjos materiais que se relacionam com as práticas da ASDEREN	Os agentes são encarados como portadores de uma (ou de várias) prática(s), isto é, como portadores de certas formas rotinizadas de se comportar, de entender, de saber, de desejar, de falar que são inerentes à prática social na qual se engajam e não deles próprios (SCHATZKI, 2005; SANTOS, ALCADIPANI, 2015). Na definição de Schatzki (2002), os arranjos materiais constituem cenários – em conjunto com as práticas – nos quais as pessoas, artefatos, organismos e ‘coisas’ coexistem, ou seja, posicionam-se, relacionam-se e ganham uma dada identidade (no caso das pessoas) e um dado significado (no caso dos demais elementos).	Agentes - pessoas, grupos, entidades. Arranjos materiais - objetos, artefatos e demais coisas que tenham significado dentro do contexto estudado.
Entender os papéis dos atores e as relações formadas no cotidiano da ASDEREN	É de acordo com as práticas nas quais se engajam diariamente que um agente humano é capaz de entender a si	Definição dos papéis dos atores;

	próprio e ao mundo em que vive; A relação sujeito-sujeito perde a sua condição de prioridade (e exclusividade) diante da relação sujeito-objeto que emerge como um elemento também fundamental para uma dada prática; As relações sociais não podem ser restritas apenas às relações entre seres humanos, isto porque, os arranjos materiais ajudam a construir as organizações como algo que abriga atividades humanas.	Relações sujeito-sujeito e sujeito-objeto.
Entender as práticas organizacionais realizadas pela ASDEREN	Prática consiste em “um conjunto organizado e amplo de articulações de ações interpostas”; As atividades ou conjunto de ações que compõem uma prática pode ser encarada como um conjunto incorporado de fazeres e dizeres, primeira e diretamente, ou como as ações que esses fazeres e dizeres incorporados constituem.	Atividades, fazeres, dizeres.

Fonte: elaborado pela autora (2022) baseado em Reckwitz (2002), Schatzki (2002, 2005), Tureta e Alcadipani (2009), Santos e Alcadipani (2015).

Concluído esse primeiro momento, partiu-se para a construção das operações de codificação, considerando-se os recortes dos textos em unidades de registros, a definição de regras de contagem e a classificação e agregação das informações em categorias simbólicas ou temáticas. Isto é, foram definidas as categorias iniciais para realização do tratamento de dados, essas categorias foram baseadas nos indicadores definidos na pré-análise e também em palavras-chave identificadas nas falas das entrevistadas, bem como em reflexões anotadas no diário de campo.

Por fim, realizou-se a captação dos conteúdos manifestos e latentes contidos em todo o material coletado (entrevistas, anotações e observação). A análise comparativa foi realizada por meio da justaposição das categorias existentes em cada análise, ressaltando os aspectos considerados semelhantes e os que foram concebidos como diferentes. Após a primeira análise comparativa foram identificadas algumas semelhanças nas falas das entrevistadas e também informações diferentes, mas que se complementam. Diante disso, foram definidas as categorias intermediárias. Essas categorias foram criadas a partir do agrupamento de algumas temáticas em comum que surgiram nas falas das rendeiras, bem como das observações

realizadas. Por fim, foi realizada nova análise e comparação do conteúdo distribuído em cada categoria e foram assim criadas as categorias finais de análise que surgiram de novo agrupamento de categorias intermediárias e insights que ocorreram durante a análise ao serem revisitados alguns textos teóricos. Nesta etapa, as informações foram evidenciadas pelos dados coletados, foram combinadas e interpretadas, com intuito de dar-lhes sentido e confrontá-las com a literatura.

É necessário observar que Mallimaci e Béliveau (2006) fazem a ressalva de que a interpretação de uma história começa explorando os significados das histórias, buscando múltiplas compreensões. Por sua vez, Câmara (2013) alerta que durante esse processo é preciso voltar atentamente aos marcos teóricos, pertinentes à investigação, pois eles darão o embasamento e as perspectivas significativas para o estudo. A relação entre os dados obtidos e a fundamentação teórica é que dará sentido à interpretação. A autora acrescenta ainda que o papel da interpretação da realidade social configura ao método de análise de conteúdo um importante papel como ferramenta de análise na pesquisa qualitativa nas ciências sociais aplicadas.

A abordagem interpretativista tem o objetivo de entender o mundo do ponto de vista daqueles que o vivenciam. Nessa abordagem, o objeto de pesquisa é entendido como construído socialmente pelos atores. Atores moldam significados a partir de eventos e fenômenos através de processos complexos e longos de interação social. Essa abordagem pressupõe que para compreender o mundo o pesquisador deve interpretá-lo. Preparar uma interpretação é também construir uma leitura desses significados, é oferecer a construção do pesquisador a partir da construção dos atores em estudo (SILVA; NETO ROMAN, 2010).

O Quadro 06 apresenta uma síntese do que foi realizado em cada etapa da análise.

Quadro 06 - Execução da Análise

Pré-análise	Exploração do Material	Tratamento dos Resultados, Inferência e Interpretação
Foi realizada a leitura das entrevistas transcritas e das demais anotações resultantes da observação. Todo o material foi impresso para realização de segunda leitura e em seguida foram feitas algumas anotações decorrentes de <i>insights</i> que posteriormente embasaram a definição de algumas categorias de	Foram definidas categorias iniciais que tinham como objetivo principal responder aos objetivos específicos. Após a primeira análise dos materiais transcritos, realizou-se uma comparação entre as falas das entrevistadas para desenvolver as categorias que auxiliariam na análise e na obtenção da resposta	A análise dos dados foi realizada com base nas leituras, interpretações e comparações dos dados coletados com a base teórica e analítica que norteou o trabalho. Sem muito esforço, os objetivos pretendidos foram facilmente respondidos nas próprias falas das rendeiiras sem que houvesse muita interferência da pesquisadora.

análise.	do objetivo. Aqui, definimos as categorias intermediárias. Após nova leitura e análise dos materiais, comparou-se os achados com alguns trabalhos que inspiraram a realização deste e assim definiu-se as categorias finais.	Notou-se que a vida das rendeiras é diretamente entrelaçada com a história da Renda Irlandesa e uma não se dissocia da outra.
----------	--	---

Fonte: elaborado pela autora (2021)

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nessa seção são apresentados os resultados das apreciações das histórias orais dos entrevistados. A análise qualitativa foi baseada nas categorias propostas, de acordo com a análise detalhada das narrativas das três rendeiras, buscando pontos de aproximação e distanciamento à luz do referencial teórico apresentado, que ratificam os pressupostos ontológicos da subjetividade e a opção epistemológica interpretativista adotadas neste estudo.

Em seguida, o Quadro 07 apresenta o processo de classificação e organização das categorias, começando nas categorias iniciais, passando pelas categorias intermediárias, e concluindo nas categorias finais que foram utilizadas para estruturação da análise dos dados. Faz-se necessário relatar aqui que o estudo de Possas, Medeiros e Valadão Júnior (2017) inspirou a criação de algumas categorias intermediárias que posteriormente foram unificadas para formar a categoria final 'Contradições nas interações cotidianas'.

Quadro 07 - Classificação das categorias de análise

CATEGORIAS INICIAIS	CATEGORIAS INTERMEDIÁRIAS	CATEGORIAS FINAIS
RENDEIRAS FAMÍLIA MÃE HISTÓRIA DE VIDA COMUNIDADE DEUS	A RENDEIRA	A HISTÓRIA ORAL (DE VIDA) DA RENDEIRA
AGENTES RENDEIRAS ARRANJOS MATERIAIS RENDA IRLANDESA ARTESANATO MULHERES PARCEIROS FUNÇÕES DA ASDEREN REORGANIZAÇÃO DOS AGENTES TÍTULOS E PRÊMIOS	AGENTES ARRANJOS MATERIAIS PARCEIROS RELAÇÕES	OS AGENTES, ARRANJOS MATERIAIS E SUAS RELAÇÕES

COVID-19 PANDEMIA LOCKDOWN GESTÃO DAS REDES SOCIAIS CURSOS E PALESTRAS HÁBITOS E ROTINAS DAS RENDEIRAS	A PANDEMIA GESTÃO DAS REDES SOCIAIS REORGANIZAÇÃO DOS AGENTES	A PANDEMIA CHEGOU, E AGORA?
ORGANIZING PRÁTICAS ORGANIZACIONAIS PERFORMANCES DOS AGENTES LIDERANÇAS HÁBITOS E ROTINAS DAS RENDEIRAS ATIVIDADES DIZERES LAYOUTS	ASDEREN ORGANIZING PRÁTICAS ORGANIZACIONAIS FUNÇÕES DA ASDEREN	TECENDO PRÁTICAS E ARRANJOS
FRAGMENTAÇÃO DE TAREFAS BUSCA POR CENTRALIDADE SETORIZAÇÃO FORMALIZAÇÃO PADRONIZAÇÃO AMIZADE UNIÃO	INFORMALIDADE X FORMALIDADE FRAGMENTAÇÃO X CENTRALIZAÇÃO HORIZONTALIDADE X VERTICALIDADE DICOTOMIAS NAS INTERAÇÕES COTIDIANAS	CONTRADIÇÕES NAS INTERAÇÕES COTIDIANAS

Fonte: elaborado pela autora (2022)

Já no Quadro 08, encontra-se a relação entre os objetivos de pesquisa, os elementos de análise e as categorias analíticas finais que nortearam a apresentação dos resultados.

Quadro 08 - Elementos de Análise e Categorias Analíticas da Pesquisa

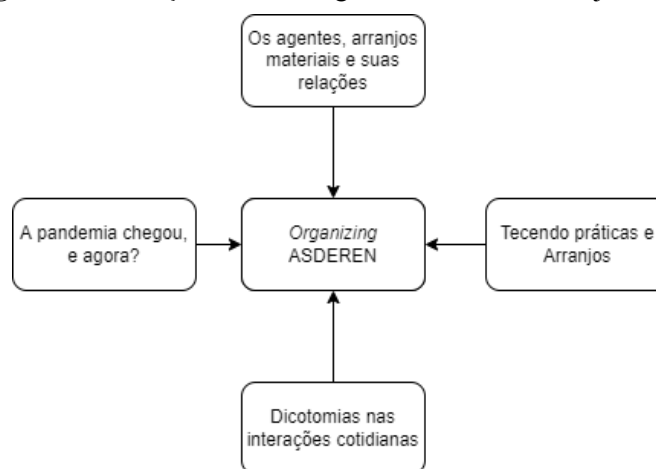
Objetivos	Elementos de Análise	Categorias Analíticas
Identificar os agentes/atores que se relacionam com as práticas da ASDEREN	Atores Parceiros Títulos Selos	A História Oral (de vida) da Rendeira Os Agentes, arranjos materiais e suas relações A pandemia chegou, e agora? Tecendo práticas e arranjos Contradições nas interações cotidianas
Entender os papéis dos atores e as relações formadas no cotidiano da ASDEREN	Funções Relações	
Entender as práticas organizacionais realizadas pela ASDEREN	Atividades Rotina Processos	

Fonte: elaborado pela autora (2022)

Segundo Craide (2011), o processo de interpretação do pesquisador sempre vai refletir a perspectiva dos atores, visto que o significado das experiências é melhor explicado pelas pessoas que as viveram. Assim, considerando que a narrativa do entrevistado é livre, para fins da discussão dos dados coletados nesta pesquisa, foram selecionadas as falas das rendeiras que mais se aproximaram das categorias de análise propostas neste estudo.

Dessa maneira, após a realização da análise dos dados com a abordagem interpretativa, foram realizados o intercruzamento com os objetivos da pesquisa, de modo a embasar a posição das categorias analíticas apresentadas. Sendo assim, as categorias apresentadas visam atingir o objetivo proposto nesta pesquisa que é compreender o processo de 'organizar' (*organizing*) da ASDEREN como resultado de suas práticas organizacionais. A Figura 03 demonstra como as categorias analíticas convergem para atingir o objetivo geral deste trabalho.

Figura 03 - Relação entre Categorias Analíticas e Objetivo de Pesquisa



Fonte: elaborado pela autora (2022)

4.1 O CONSTANTE ORGANIZAR DA ASDEREN

Em um primeiro momento desse processo contínuo e dinâmico de organizar, verifica-se a configuração interna da ASDEREN enquanto um espaço organizacional constituído por um conjunto de práticas organizativas. A construção da associação assume uma perspectiva temporal, delimitada pela sua trajetória histórica, pela sua evolução e pela sua atual configuração. Enquanto tradição, a Renda Irlandesa, no município investigado, é muito antiga e está diretamente ligada às raízes culturais brasileiras do século XIX e XX com a chegada das freiras europeias nessa região (ASSIS FILHO, 2018). Inicialmente, a confecção deste artesanato era transmitido às meninas que estudavam nos internatos católicos e, posteriormente, a transmissão do saber passou a ser hereditária, sendo as mães responsáveis por ensinar às suas filhas. Essa prática visava inicialmente a confecção de peças para as igrejas católicas, mas, com o tempo, veio a se tornar a fonte de renda de diversas famílias, não só no município estudado, mas em cidades e estados vizinhos (DANTAS, 2001).

Com o passar do tempo foi fundada a Associação para o Desenvolvimento da Renda Irlandesa de Divina Pastora (ASDEREN), que está sediada no município de Divina Pastora, localizado na região central de Sergipe. A cidade, que é conhecida como “terra da Renda Irlandesa”, detém o saber tradicional das rendas feitas à mão. O modo de fazer da renda irlandesa foi reconhecido como Patrimônio Cultural do Brasil, em 2008, pelo IPHAN. E também possuem o selo de Indicação Geográfica (IG), que foi concedido pelo INPI em 2013 (Site Institucional ASDEREN, 2021).

A associação é a mais conhecida no território estadual - e nacional, justamente devido às suas premiações, títulos e selos. No período de realização desta pesquisa, a associação possui sede própria na região central do município. Este lugar é usado pelas associadas e também por rendeiras independentes, que, por vezes, procuram a associação para a compra e venda de materiais.

A sede da associação funciona também como ponto turístico, devido a relevância deste artesanato e reconhecimento dessa arte no cenário nacional, constantemente a associação recebe a visita de turistas, figuras políticas e figuras públicas em geral, que procuram a associação para saber mais sobre a história da renda, divulgar o trabalho das artesãs, ou até mesmo pedir que as rendeiras transmitam o seu saber fazer.

No momento da primeira visita ao campo, observou-se essa situação, em que uma mulher de outro estado havia visto um vídeo em uma plataforma digital apresentando a renda e em uma visita à Sergipe decidiu passar pelo município para conhecer de perto o artesanato. Lá foi recebida pelas associadas que estavam a executar os seus próprios trabalhos e uma delas disponibilizou-se para ensinar os pontos iniciais à visitante. Em determinado momento esse ponto foi mencionado por uma das entrevistadas como uma prática comum da associação.

Nota-se que alguns eventos se repetem e as observações atingem certo grau de saturação no que se refere aos hábitos e rotinas (POSSAS, MEDEIROS, VALADÃO JÚNIOR, 2017). Apesar das poucas visitas, ainda foi possível observar essas práticas rotineiras que fazem parte da maneira pela qual a associação se organiza. Mesmo a associação tendo um horário de funcionamento de acordo com o horário comercial, isto é, manhã e tarde, as atividades do grupo se desenvolvem em sua maioria na parte da tarde. Sendo o período da manhã pouco menos movimentado, mas sempre tendo alguma representante no espaço, geralmente da área administrativa.

É válido ressaltar que a fundação da associação estudada evidencia um primeiro movimento de configuração desses objetos enquanto organização. Já neste momento, podem ser observadas as primeiras iniciativas, ainda que informais, de estruturação de uma lógica de funcionamento interno dessas rendeiras, as quais passam a se organizar com base em algumas regras estabelecidas de acordo com a tradição em um nível mais amplo, e também de acordo com a ação e interação de agentes participantes, em um nível mais específico.

Dessa forma, no âmbito de sua estrutura organizacional, a ASDEREN apresenta diferentes categorizações, tendo cada agente um papel, uma função e uma responsabilidade, o que também acaba por determinar a própria lógica interna de funcionamento da associação. Essas questões referentes aos agentes e suas funções serão melhor abordadas no próximo tópico.

4.1.1 A HISTÓRIA ORAL (DE VIDA) DA RENDEIRA

Esse tópico versará uma breve síntese das histórias contadas pelas rendeiras. Conforme exposto anteriormente, as entrevistas foram iniciadas pedindo que cada rendeira contasse um pouco da sua história. Surpreendentemente, constatou-se que apesar de únicas, as histórias das rendeiras perpassam pelos mesmos pontos e cada uma, à sua maneira, encontrou na Renda Irlandesa e na associação seu porto seguro.

A história da rendeira começa na infância observando sua mãe render: “eu cresci vendo minha mãe fazer renda. Desde novinha ela sempre costurou e ela aprendeu com a mãe dela também. Eu cresci ali” (ANA, entrevistada); “eu sou de Divina Pastora, queira ou não, você sempre vê sua mãe, os vizinhos, sempre fazendo renda irlandesa na porta” (JOSEFA, entrevistada); “aprendi a fazer renda e tive contato com ela através da minha mãe” (JOANA, entrevistada).

Apesar desse contato desde a infância, nem toda rendeira demonstra interesse em aprender a fazer renda de imediato. Apesar da transmissão do saber ser algo natural e até cultural do município estudado, as entrevistadas ressaltam que nem sempre tiveram o interesse em aprender a tecer a renda ou trabalhar com isso. Duas das entrevistadas, por exemplo, só viram a renda irlandesa como opção ao passarem por momentos delicados em suas vidas.

“Eu nunca tinha tido interesse em fazer renda. Tem um ano que eu aprendi de fato a fazer a renda irlandesa. Eu engravidei e hoje eu tenho um filho e eu não tinha nenhuma fonte de renda, pensei no que poderia fazer e foi quando minha mãe me

incentivou a aprender a fazer renda para eu sustentar meu filho. E aí eu aprendi” (ANA, entrevistada).

“Minha mãe foi para Aracaju comigo e meus irmãos (...) após um problema de saúde nós acabamos voltando para Divina Pastora (...). Quando eu tive meu primeiro filho, eu tive um início de depressão pós-parto e foi essa depressão que me motivou a voltar a fazer renda (...). Veio na minha mente que eu poderia fazer renda irlandesa, que era uma coisa que eu poderia fazer em casa, e eu já sabia que a renda ocupa a mente da gente porque precisa de atenção, foi a minha forma de sair da depressão” (JOSEFA, entrevistada).

Independente da trajetória que levou essas mulheres a cruzarem seus caminhos com a renda irlandesa, percebe-se o envolvimento dessas rendeiras na manutenção desse artesanato. Todas elas hoje exercem alguma função administrativa na associação e juntas elas pensaram em um projeto para preservar a transmissão desse saber. O projeto envolve oferecer cursos gratuitos de renda irlandesa para as crianças e adolescentes da comunidade em que estão inseridas.

Dedicamos esse espaço para falar brevemente da trajetória dessas mulheres porque no decorrer da pesquisa entendeu-se que havia uma necessidade não só de compreender o modo de fazer, mas as pessoas que fazem: “eu me sinto muito orgulhosa de ser rendeira, de ter esse saber. (...) pra mim é muito gratificante saber fazer a renda irlandesa” (JOANA, entrevistada).

“Ser rendeira é muito mais do que sentar e fazer renda, ser rendeira é se envolver com as pessoas e começar a valorizar as pessoas que estão ao seu redor. É ter o orgulho da sua cidade, o lugar onde você nasceu. (...). É um orgulho pra mim dizer que eu sou de uma cidade pequenina chamada Divina Pastora, uma cidade que faz renda” (JOSEFA, entrevistada).

4.1.2 OS AGENTES, ARRANJOS MATERIAIS E SUAS RELAÇÕES

Os dois primeiros objetivos específicos desta pesquisa consistem, sinteticamente, em identificar os agentes e arranjos materiais que se relacionam com as práticas da ASDEREN e as suas relações. A Figura 04 apresenta os agentes e arranjos materiais que foram identificados com base nas narrativas das entrevistadas.

Figura 04 - Agentes e Arranjos Materiais



Fonte: elaborada pela autora (2022)

Os agentes envolvidos com a Renda Irlandesa em Divina Pastora são os mais diversos. No entanto, é interessante observar que os únicos atores constantes são as rendeiras e os títulos e selos conquistados por elas. Ou seja, segundo as entrevistadas, as parcerias com entidades e instituições são voláteis, podendo ocorrer ou não e sempre por um período limitado de tempo: “os parceiros são muito importantes, mas assim, não é uma parceria contínua, são parcerias eventuais. Quando a gente precisa da prefeitura, por exemplo, eles sempre estão de portas abertas, mas a iniciativa tem que ser nossa” (JOSEFA, entrevistada).

Ainda sobre esse ponto, é interessante observar que as parcerias, ao contrário do que se acreditava antes de ir a campo, não influenciam diretamente nas práticas internas da organização. Isto é, tendo em vista que os parceiros oferecem oportunidades, sua influência e relação com as práticas acaba sendo limitada às práticas externas da associação, uma vez que essas oportunidades consistem em facilitação de acesso das rendeiras a eventos diversos:

“essas parcerias não oferecem recursos financeiros, essas parcerias oferecem oportunidades, por exemplo, a última que fizemos foi com a Petrobrás que era para a confecção de máscaras para distribuir para a população. Então a associação ofereceu duas costureiras para essa ação e tivemos a oportunidade de ganhar mais visibilidade” (JOSEFA, entrevistada).

Por exemplo, a prefeitura costuma ajudar a organização com transporte e hospedagem, dependendo de onde será o evento do qual as rendeiras participarão. Por sua vez, o SEBRAE e a Secretaria de Cultura do estado e do município costumam convidar a associação para eventos de artesanato e outros, nos quais as rendeiras possam ganhar visibilidade (JOANA, entrevistada).

Já no tocante aos títulos, todas as entrevistadas mencionaram sua importância para trazer mais credibilidade ao artesanato produzido. Notou-se que tanto o Título de Patrimônio Cultural Imaterial quanto o Selo de Indicação Geográfica influenciam nas práticas das rendeiras, principalmente no que se refere aos processos para produção do artesanato. Isso porque o título de Patrimônio precisa ser revalidado a cada 10 anos e para preservar o título a associação precisa preservar a qualidade e a relevância do artesanato para o cenário socioeconômico. O título foi revalidado em 2021 e tanto este quanto o selo de IG “certificam que a renda irlandesa tem poder comercial internacional (...) tornando o modo de fazer renda irlandesa em Divina Pastora reconhecido no mundo todo” (JOSEFA, entrevistada).

Apesar de o selo de IG não precisar ser revalidado periodicamente, ele norteia a associação no que se refere à administração da organização e dos recursos para a produção do

artesanato (ANA, entrevistada). Para a obtenção do selo as rendeiras passaram 3 anos sendo avaliadas pelo INPI e ao conquistar o selo o SEBRAE orientou as associadas da época como deviam proceder dali em diante para melhor desenvolvimento da organização. No entanto, Josefa enfatizou em sua fala que o treinamento foi dado para a direção que administrava a associação na época em que o selo foi conquistado, e hoje (2022) essa equipe não faz mais parte da associação e algumas informações se perderam, dificultando o trabalho da atual equipe administrativa da associação.

Além da relevância do título e do selo para as práticas da associação, podemos ressaltar aqui que os parceiros possuem o papel de apoiar e auxiliar a associação. Diante disso, as entrevistadas afirmaram que estes parceiros não influenciavam nas práticas da organização, em contraponto, em alguns momentos da narrativa podemos observar que “os parceiros ajudam muito nos processos burocráticos quando precisamos participar de algum evento (...), muitas vezes eles disponibilizam transporte, hospedagem ou auxiliam com outras necessidades que venham a surgir” (JOSEFA, entrevistada).

É comum às narrativas de todas as entrevistadas que sem esses auxílios a associação não conseguiria participar de muitos eventos locais: “antes das parcerias, principalmente com a prefeitura e o SEBRAE a gente quase nunca participava dos eventos e depois que conseguimos a ajuda deles conseguimos até ir para uma feira em Belo Horizonte, ou seja, fora do estado” (ANA, entrevistada). Sendo assim, fica evidente que, apesar de não haver essa percepção por parte da rendeira, os parceiros influenciam sim em determinadas práticas da associação, como pode-se ver no caso da prática de participar de eventos. Ressalte-se que essa influência ocorre de maneira positiva, uma vez que impacta diretamente na visibilidade e divulgação desse artesanato.

Dito isso, no Quadro 09 apresenta-se de maneira sintética alguns achados referentes aos agentes, arranjos materiais e suas respectivas funções no que se refere às práticas e a forma de se organizar da associação. Ressalte-se que foram elencados apenas os atores e arranjos que foram mais mencionados nas narrativas ou que foram ressaltados como muito importantes para o constante organizar da associação.

Quadro 09 - Agentes, Arranjos materiais e suas funções

CLASSIFICAÇÃO		PAPEL / FUNÇÃO
	Rendeira	Associada

Agente		Funções administrativas (presidente, vice-presidente, tesoureira, secretária, gestora de mídias, conselheira)
	Parceiros em geral (SEBRAE, prefeitura, estilistas, Petrobrás, universidades, outros)	Auxiliar a associação na presença de mercado, na divulgação do artesanato e no incentivo de preservação da cultura e tradição
	Professor Arantes	Auxiliar as rendeiras na formalização e fundação da associação
Arranjos materiais	Título de Patrimônio Cultural Imaterial	Estimular e garantir uma gestão da qualidade e transmissão do saber
	Selo de Indicação Geográfica	

Fonte: elaborado pela autora (2022) com base nas narrativas das entrevistadas

Percebeu-se aqui que sobre os agentes e arranjos materiais que todos eles, à sua maneira, possuem determinada relação com as práticas organizacionais da ASDEREN. Tendo em vista que agentes e arranjos se relacionam entre si para manutenção das práticas que compõem o constante organizar da ASDEREN, começamos aqui a montar - metaforicamente - uma fotografia de um ateliê que é resultado de um fazer coletivo. E com as descobertas a seguir comporemos essa imagem completa.

4.1.3 A PANDEMIA CHEGOU, E AGORA?

Na fala de todas as entrevistadas observa-se que o primeiro contato com a Renda Irlandesa é por meio da mãe, “queira ou não, você sempre vê sua mãe, os vizinhos sempre fazendo renda irlandesa na porta” (JOSEFA, entrevistada); “eu nasci, me criei e vivo aqui em Divina Pastora e aprendi a fazer a renda através da minha mãe quando eu ainda era criança” (JOANA, entrevistada); “eu cresci vendo minha mãe fazer renda (...) e ela aprendeu desde novinha com a mãe dela” (ANA, entrevistada). Essa prática nunca foi tão importante quanto no cenário que vivemos nos últimos anos

As rendeiras Ana e Josefa enfatizam em suas falas a tristeza que sentiam por não poder dar continuidade aos cursos que já eram rotineiros da associação. Devido à pandemia, a associação passou todo ano de 2020 praticamente fechada por conta dos decretos determinando o isolamento social e o fechamento provisório de estabelecimentos que não prestavam serviços essenciais. As rendeiras, que, até o momento da pesquisa, compõem o quadro administrativo da associação, tinham acabado de ser eleitas e comentam sobre os vários projetos que haviam planejado para os anos de 2020 e 2021, no entanto, com os

decretos e a emergente crise, muitas dessas atividades não conseguiram ser colocadas em prática *a priori*.

No entanto, apesar de todas as limitações, e de as rendeiras temporariamente não terem a possibilidade de se reunir na associação como de costume, elas tiveram que pensar em alternativas para manter a associação funcionando e as vendas ativas. Nesse momento surge uma nova prática: a gestão das redes sociais. As rendeiras convidaram algumas meninas mais jovens, que não necessariamente tinham interesse em aprender a render, para que pudessem alimentar as redes sociais e ajudar a associação a efetuar vendas online. Nesse período foi criado o instagram da associação o que, segundo as entrevistadas, permitiu que elas vendessem até mais que antes, pois, agora não estavam mais limitadas apenas ao local físico ou aos eventos dos quais eventualmente participavam.

Durante o período de isolamento, as rendeiras continuaram produzindo e estimulando as demais associadas a produzirem também. Pelo fato de grande parte das associadas terem idade avançada ou estarem em algum grupo de risco, era tomado todo o cuidado para fazer a distribuição dos materiais necessários para a confecção dos artesanatos, que voltou a ser feito nas suas casas para evitar o risco de contaminação.

Entre março e abril de 2021, os decretos tornaram-se mais flexíveis e a associação pôde voltar a funcionar na sua normalidade. Sendo assim, voltaram a receber visitas de turistas e a fornecer os cursos que oferecem gratuitamente à comunidade. Quando as atividades foram normalizadas a pesquisadora já havia encerrado o período de coleta de dados, no entanto, devido ao relacionamento construído a representante da associação sempre mantinha a pesquisadora informada acerca das conquistas e novidades.

É notável nas falas das entrevistadas o amor e orgulho que sentem pelo que fazem e por fazer parte da comunidade e da história desse artesanato, “eu me sinto muito orgulhosa de ser rendeira, ter esse saber é muito gratificante” (JOANA, entrevistada).

“Eu vi na renda irlandesa uma oportunidade não só pra mim, mas pra minha comunidade, então eu comecei a me envolver mais, foi um despertar (...), ser uma rendeira é muito mais do que sentar e fazer renda, (...) é ter orgulho da sua cidade, da sua história.” (JOSEFA, entrevistada).

Acredita-se que, a compreensão da importância que tem o seu saber, ajuda as rendeiras a se (re)organizarem para enfrentar os momentos adversos, Josefa relata em sua fala que “a pandemia foi uma rasteira para todo mundo, mas a gente tem que ver as oportunidades, entender qual o nosso problema e limitações e procurar as soluções para isso”. Para reafirmar

isso e argumentar que essa é uma característica inerente à organização, podemos observar a fala de Joana, que afirma que “a pandemia mudou tudo, a gente teve que se reorganizar, se adaptar (...) tivemos que buscar outras ferramentas para divulgar e mostrar nosso trabalho”.

4.1.4 TECENDO PRÁTICAS E ARRANJOS

Durante as entrevistas, foi possível perceber as práticas nas quais os agentes estão envolvidos, estabelecendo uma conexão com entidades materiais (SCHATZKI, 2006). No trecho a seguir, pode-se identificar quais ações são entendidas como pertencentes a determinada prática: “a presidente normalmente procura muitos atores de fora para contribuir com a associação, procura captar recursos, meios de venda, estratégias de comunicação, planejamento” (JOSEFA, entrevistada). Assim, as ações de ‘captar recursos’, cuidar do planejamento e buscar parceiros, por exemplo, são entendidas como práticas da área administrativa, mais especificamente, práticas da presidência da associação.

Com base nas falas das entrevistadas, observa-se que, com o passar do tempo, houve uma maior divisão das funções no grupo, e que as próprias pessoas foram trabalhando para que essa divisão acontecesse, criando um entendimento de quais ações pertencem a determinada prática e mostrando que as regras delimitam, direcionam e censuram o que deve ou não ser feito por determinada pessoa (SANTOS, ALCADIPANI, 2015; SCHATZKI, 2005).

Em praticamente todas as práticas observadas, os arranjos materiais estavam presentes, pois, sempre que alguém age, a ação se dá em um ambiente composto de entidades materiais (SCHATZKI, 2005). Como um exemplo disso, temos por exemplo o Selo de Indicação Geográfica e o título de Patrimônio Cultural do Brasil conferido às rendeiras. As entrevistas têm a percepção de que esses ‘objetos’ estão diretamente relacionados com a prática de confeccionar a renda, por exemplo. Isso porque, tais conquistas atribuem - e por isso, exigem - maior qualidade do artesanato produzido por elas. Joana afirma que possuir o selo de IG atribui outra visão e importância à Renda Irlandesa. Segundo a entrevistada “precisamos fazer a peça perfeita, tudo tem que estar perfeito, até porque temos a indicação geográfica, então precisa ter a qualidade, não é só saber fazer, tem que fazer certo”.

Outra prática, que como já vimos antes foi introduzida durante a pandemia, e que traduz essa relação com os arranjos materiais, é justamente a gestão das redes sociais,

principalmente o *instagram*, mas também o site e o blog que voltou a ser alimentado depois do convite à essa associada para gerir a comunicação virtual. Durante todo o tempo há uma associada responsável por fazer essa interação com as redes sociais por meio do celular ou computador.

Isso corrobora com o pensamento de Schatzki (2005) que defende que as interações de práticas e arranjos são, muitas vezes, mediadas por conexões tecnológicas, e essas interações são modificáveis, podendo ser rearranjadas, como é o caso de inovações tecnológicas, por exemplo, relações antes envolviam encomendas por cartas ou atravessadores, hoje, não envolvem mais. Além disso, os atores interagem a todo momento com os lacês, agulhas, riscos antigos, e outros materiais necessários para confecção do artesanato.

Os *layouts*, a forma como os objetos estão organizados, igualmente, interferem nas convivências e nas práticas (SCHATZKI, 2005). Tudo o que há na sede da associação é manejável. Ao entrar, podemos nos deparar com banners contendo a história da associação e imagens das primeiras responsáveis por transmitir esse saber na comunidade do município. Encontramos também vitrines, com peças expostas e balcões que armazenam os estoques de materiais utilizados na confecção do artesanato. A mesa central tem formato circular o que permite que as rendeiras possam se sentar em círculo e conversar enquanto tecem, essa prática existe mesmo antes da associação ser formalizada, as rendeiras costumavam sentar-se à praça em rodas de conversa e teciam enquanto confraternizavam com as vizinhas (JOANA, JOSEFA, entrevistadas).

Quando uma prática é realizada, observa-se que a conformação do espaço é modificada, de modo que torne o espaço propício para aquela determinada prática (SANTOS, ALCADIPANI, 2015). Observa-se, por exemplo, que quando as rendeiras oferecem cursos e palestras a disposição das mesas e cadeiras é diferente, mais semelhante à uma sala de aula e menos caracterizado como uma roda ‘informal’.

Diante disso, ressalta-se que a organização é composta por um conjunto de práticas e arranjos materiais; por esse motivo, as pessoas interagem com os objetos em suas ações cotidianas, e a forma como esses objetos são arranjados e rearranjados se relaciona com as práticas executadas (POSSAS, MEDEIROS, VALADÃO JÚNIOR, 2017). Na tentativa de se ordenar o mundo, os objetos ganham funções estabelecidas, assim como as pessoas. Logo, organizar é, também, atribuir sentido ao mundo, às pessoas, às relações e aos objetos.

4.1.5 CONTRADIÇÕES NAS INTERAÇÕES COTIDIANAS

Inicialmente, não foram definidas categorias analíticas, conforme pode ser constatado nas seções anteriores. Em nenhum momento se pretendeu observar o objeto sob o prisma de dicotomias pré-estabelecidas; no entanto, ao analisar os resultados, observou-se o surgimento constante de algumas temáticas nas narrativas das rendeiras. Surpreendentemente, do campo emergiram as vivências contraditórias que fazem com que a organização seja aquilo que é e não algo estático e pré-definido. Essas contradições decorrentes das interações cotidianas são apresentadas e discutidas a seguir.

a) **Informalidade X Formalidade**

As relações humanas, em sua forma mais cotidiana, são marcadas pela informalidade das ações e dizeres; em contrapartida, na tentativa de ordenar o fluxo contínuo das ações humanas e no desejo de controlar, definir e estruturar (CLEGG, KORNBERGER, RHODES, 2005; TSOUKAS, CHIA, 2002), surgem certas formalizações (PASSOS, MEDEIROS, VALADÃO JÚNIOR, 2017).

Nas falas das rendeiras observa-se uma busca pela formalidade desde o seu início:

“Decidimos formar a associação porque antes não procuravam uma associação, sempre procuravam as rendeiras mais antigas e mais conhecidas como dona Ausira, aí ela chamava as outras mulheres para ajudar a fazer o serviço (...), mas agora com a associação ficou muito melhor, as pessoas sabem onde encontrar a gente, aí é bom porque dá oportunidade para todas né?” (JOANA, entrevistada).

Nota-se que, na tentativa de manter um trabalho a longo prazo, os atores buscaram se organizar estruturalmente. Ou seja, as práticas de fabricação e venda da renda irlandesa e até do fazer coletivo, já existiam anteriormente à organização (WEICK, 1973), mas, cotidianamente executadas, foram se cristalizando e buscando consolidação na formalidade. Embora as práticas existissem, ainda não possuíam um espaço físico fixo onde o grupo pudesse manter sua rotina, mostrando que a organização não possuía um vínculo espacial tão grande, pois é possível que ela exista sem um local fixo, somente como um conjunto de ações interrelacionadas (SCHATZKI, 2005), como uma construção constante dos agentes (CZARNIAWSKA, 2008b):

“Na verdade, a associação já existe há muito tempo, apesar de só ter oficialmente 21 anos. Mas, antes disso tinham outras pessoas envolvidas e elas se reuniam em alguns ambientes, tipo a sala da prefeitura ou então na praça, ou na casa de alguma rendeira mais antiga, mas sempre foi um trabalho coletivo.” (JOSEFA, entrevistada)

Isso demonstra que mesmo sem um local físico, os encontros se realizavam e a organização acontecia, mostrando que a sua existência está intimamente associada à

performance dos agentes, isto é, a organização é a performance das ações que a constituem (PASSOS, MEDEIROS, VALADÃO JÚNIOR, 2017), como as reuniões, os cursos e a produção.

Ao longo do tempo, essa forma de se organizar menos padronizada, menos formal, é entendida pelos atores como insuficiente e eles passam a buscar a formalização de sua estrutura. Isso se deve em grande parte à participação do Profº Arantes, “ele veio pra cá por causa do projeto de Rute Cardoso para resgatar o artesanato do Brasil (...) ele veio no objetivo de resgatar, valorizar e mostrar como ter uma parte mais formal, foi aí que começo de fato a existir uma associação” (JOSEFA, entrevistada).

No processo de resistir à mudança (TSOUKAS, CHIA, 2002) e na tentativa de estruturar e estabilizar a incessante mudança (CLEGG, KORNBERGER, RHODES, 2005), a associação emerge. Ao tentar buscar a formalização e padronização, o grupo se modifica, mas não em sua completude, se encontrando sempre no movimento entre continuidade e descontinuidade, entre constância e mudança (BAKKEN, HERNES, 2006).

A mudança passa a ser exigida pelos vínculos que a ASDEREN estabelece com outras organizações, por exemplo, a prefeitura, o SEBRAE, entre outros. Mostrando que a organização não é uma entidade isolada, seus limites são fluidos (COOPER, 1992) e a mudança é contínua (CHIA, 1997), pois as práticas se modificam e as malhas criadas entre agentes de organizações diferentes podem modificar ambas as organizações.

Atividades que antes não eram exercidas passam a fazer parte do cotidiano dessa organização. Assim, atuando conjuntamente, as organizações modificam-se umas às outras, as práticas de uma organização ligam-se às práticas de outras organizações, formando malhas e, ao longo do tempo, modificando-se mutuamente. Por fim, à medida que as práticas vão sendo repetidas e cristalizadas e, na tentativa de controlar e estruturar, surgem as formalizações.

Diante do que foi exposto é possível perceber que a organização é mantida pelo constante ‘performar’ de suas práticas, oscilando entre formalidade e informalidade e, no intuito de estabilizar a mudança, a organização acontece, e, conjuntamente com outras organizações, vai se modificando.

Anteriormente, começamos a construir a imagem de um ateliê que vai compor a fotografia final deste trabalho. Nesse contexto, podemos adicionar uma prateleira ao longo da parede com os diversos e coloridos materiais que podemos encontrar nesse espaço, seriam os

lacês, agulhas e até algumas peças prontas. Essa prateleira com os materiais transmitiriam a ideia de informalidade e formalidade que foram discutidas no decorrer desse tópico.

b) Fragmentação X Centralização

Juntamente com a busca de uma maior formalidade e padronização, foi possível perceber que a ASDEREN buscou se ‘departamentalizar’, definindo funções e centralizando atividades que anteriormente se encontravam fragmentadas. Dessa forma, nota-se que a organização oscila entre uma fragmentação de tarefas, uma organização onde todos fazem um pouco de tudo, e as tarefas são anteriormente definidas. Observe-se a seguinte fala: “A gente faz um pouco de tudo. Desde atender as pessoas, clientes, pesquisadores, fornecedores e as próprias rendeiras, até o cafezinho e a limpeza” (JOANA, entrevistada).

Ao mesmo tempo, é perceptível uma busca por centralidade, em que cada pessoa deve possuir funções bem delimitadas:

“As rendeiras podem ser somente associadas, mas também podem assumir alguma função administrativa, elas podem ser tesoureiras, presidente, vice, conselheira (...) cada uma tem a sua função. Agora também temos a gestora das mídias, que é responsável por divulgar nosso trabalho nas redes sociais e se comunicar com os clientes.” (JOSEFA, entrevistada).

Para isso, a organização tem buscado se espelhar em algumas práticas de gestão empresarial, contudo, busca-se manter parte da essência do grupo, isto é, os atores pretendem que a essência não seja modificada. No entanto, há um claro movimento de incorporação de práticas de gestão no fazer artístico da associação. Logo, organizando-se e reorganizando-se, tende-se a modificar práticas e estruturas, sem, no entanto, modificar toda a conformação, pois trabalha-se com a estrutura preexistente.

“Antes tinha a presidente para fazer tudo sozinha e tinha um corpo, mas esse corpo não trabalhava, não funcionava, então sempre ficava a presidente sobrecarregada. Agora, criamos o departamento administrativo e convidamos algumas associadas a assumirem essas funções e agora percebemos que funciona. Cada uma dá o seu melhor para não ficar ninguém sobrecarregada e a gente conseguir se ajudar e fazer a associação crescer” (JOANA, entrevistada).

Essas características são consideradas hoje uma marca da associação, pois relacionam essa forma de se organizar com a própria concepção da arte que produzem. Isso mostra como a gestão e a criação estão intimamente ligadas e que há uma interdependência entre as duas nas práticas organizacionais (DAVEL, VIANNA, 2012).

Sendo assim, a setorização é entendida como condição para o bom funcionamento da organização, sendo essa divisão uma característica que marca o que é ou não uma organização. Dessa forma, fica visível que a centralização de funções, em determinado cargo ou pessoa, aconteceu com o passar do tempo, em uma contínua tentativa de ordenar (CLEGG,

KORNBERGER, RHODES, 2005): “Eu acho que fica mais organizado desse jeito. As pessoas sabem o que precisam fazer e a quem procurar para resolver tal coisa. Assim tudo anda e ninguém precisa ficar sobrecarregado e fazer tudo sozinho” (ANA, entrevistada).

Mesmo que esse movimento de centralizar as funções gere uma sensação de simplificação, as práticas são constituídas de complexidade e heterogeneidade (COOPER, 1992). Desse modo, os relatos mostram que a ASDEREN é uma construção constante dos agentes, de suas práticas e de suas interpretações do que estão fazendo (CZARNIAWSKA, 2008b). No entanto, com o passar do tempo, as funções vão se reorganizando e se (re)dividindo, mostrando que a imobilidade é uma falácia (CLEGG, KORNBERGER, RHODES, 2005), pois as práticas não são estáticas e podem ou não se repetir (SCHATZKI, 2005).

Ao buscar a criação de departamentos, cargos e funções preestabelecidas, os agentes se reorganizam, mudando a configuração das relações e das práticas, com o intento de melhorar a forma pela qual se organizavam. Isso porque não pretendem perder a essência do grupo. Nesse sentido, tentam ordenar as práticas e criar padrões, a fim de gerar uma sensação de estabilidade, mas na verdade, é inegável a complexidade e movimento existentes nesses processos.

Essa noção de fragmentação e centralização pode ser adicionada ao nosso cenário como um cesto com alguns manuais e livros, alguns lúdicos, outros mais instrutivos; uns que contam a história, outros que sugerem melhorias.

c) **Horizontalidade X Verticalidade**

A última contradição a ser analisada aqui é a horizontalidade versus a verticalidade. Desde o primeiro contato com as rendeiras, observou-se uma horizontalidade do grupo permeando as falas. A ideia de que todas as associadas têm voz ativa é algo propagado não somente dentro da organização, mas, igualmente, para as pessoas que buscam contato com a associação. Ou seja, a horizontalidade, a tomada de decisão de maneira coletiva, é entendida como uma característica marcante do grupo:

“Uma das atividades que fazemos é distribuir as encomendas que recebemos entre as associadas. Nós não tomamos essas decisões sozinhas, sempre chamamos para conversar, mostramos o que temos a entregar e perguntamos qual peça a rendeira prefere fazer. A gente tenta sempre ser justo e dar oportunidade a todas as rendeiras. Assim como também as vezes recebemos encomendas de vestidos, blusas, toalhas que por serem peças maiores precisam de mais pessoas, e sempre decidimos juntas quem faz o que” (JOANA, entrevistada).

A associação surgiu em uma iniciativa das rendeiras mais antigas, que com o auxílio do prof^o Arantes e outros parceiros como Petrobrás e SEBRAE conseguiram formalizar a associação. Com o passar do tempo, a organização foi crescendo e se modificando. Durante esse período, foram se estabelecendo tarefas, dividindo funções, cargos, como discutido no tópico anterior. A criação de cargos acontece na tentativa de criar um sentido de ordem, tentando tornar o mundo estável e seguro (CLEGG, KORNBERGER, RHODES, 2005), ou seja, gerando uma estabilização das práticas, sabe-se a quem se reportar e quem é responsável pelo quê, como constatamos na fala anterior.

Apesar da suposta horizontalidade, vários indícios mostram que há uma verticalidade no grupo, que há lideranças estabelecidas e que o nível de participação nas decisões é um indicativo da posição nessa linha hierárquica. Por exemplo, embora as rendeiras sejam associadas e em determinados momentos sejam consultadas antes de uma tomada da decisão, temos as reuniões de diretoria e as reuniões de conselho das quais nem todas as associadas participam, apenas aquelas que fazem parte da equipe administrativa.

Ou seja, mesmo que a horizontalidade seja uma característica percebida pelo grupo e eles tentem alimentar, ao manterem um conselho diretivo e algumas decisões colegiadas, é possível perceber que há hierarquias ‘silenciosas’.

“Buscamos incluir as rendeiras nas decisões, quando tem evento por exemplo perguntamos quem gostaria de participar, sempre incentivamos que todas tenham a oportunidade de participarem dessas experiências, mas muitas não demonstram interesse, então acaba que sempre que acaba decidindo quem vai é a presidente ou a vice” (JOANA, entrevistada).

Sendo a organização um fluxo contínuo de práticas, as lideranças, igualmente, são resultado de processos que se criam, se conservam e se dissolvem (CZARNIAWSKA, 2008b). A prática de se reunir e tomar decisões é entendida como uma característica que atribui hierarquia (POSSAS, MEDEIROS, VALADÃO JÚNIOR, 2017). A criação de cargos que atribuem responsabilidade às pessoas, também, confere um entendimento de pertencimento de poder.

Na ASDEREN, mesmo que os atores não cuidem mais da parte executiva, as demais associadas acabam sempre se reportando às mesmas pessoas. Em parte, isso se deve ao fato de algumas dessas mulheres terem mais experiência dentro da rede como é o caso de dona Ausira, que mesmo sem ter assumido nenhuma posição administrativa oficialmente é sempre consultada antes das tomadas de decisão e procurada quando há alguma dúvida ou receio.

Desse modo, no constante organizar das práticas, o grupo busca manter a horizontalidade, mas, em alguns momentos, tende à verticalidade, sempre oscilando entre os dois pólos. As lideranças são definidas no constante reorganizar das práticas, pois, ao se atribuírem cargos e funções a determinadas pessoas, retiram-lhes ou lhes conferem participação nas decisões. Quanto maior a participação nas decisões, maior o posicionamento na hierarquia, sugerindo um constante pêndulo entre horizontalidade e verticalidade.

Por fim, o último item a ser adicionado ao nosso ateliê, completando assim a fotografia, seria um sofá-cama que representa tanto a horizontalidade quanto a verticalidade que pudemos observar no decorrer do nosso tópico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de mergulhar nas histórias orais das rendeiras aqui estudadas, todo o corpus de material empírico acabou por criar uma fotografia, a qual, tendo em vista a natureza desta pesquisa, pode ser definida como um ateliê coletivo. Nesse local, é possível encontrar uma diversidade de materiais, no entanto, não se pode negar que esse é um espaço com um visual cheio de personalidade e com ar aconchegante. Um ateliê geralmente é pensado para ser prático e fácil de manter organizado, porém, simultaneamente, pode ser comum o acúmulo de coisas nesses lugares, o que lhe confere um ar de espaço para a criatividade.

Na composição da fotografia, podem-se distinguir três elementos principais: uma prateleira ao longo da parede com materiais diversos e coloridos (informalidade e formalidade); um cesto com alguns manuais e livros (fragmentação e centralização); e, um sofá-cama (horizontalidade e verticalidade). E é nesse espaço que diversas artesãs tecem suas práticas, a partir de interações e ações.

Diante disso, entende-se que toda e qualquer forma de explicar e didatizar práticas organizacionais já traz em si reduções e limitações, uma vez que abarcar toda a complexidade organizacional não é possível, e, ao trazer para o papel a fração vivenciada, também, se reduzem as experiências vividas em temáticas e eventos reincidentes. Assim, ressaltam-se aqui os principais pontos da análise de resultados, tendo em vista que esses pontos são uma pequena parcela da experiência vivenciada, que corresponde a uma parte ainda menor das práticas organizacionais.

Evidencia-se nesse estudo que organizar é criar e atribuir sentido às ações, pessoas e objetos. Note-se que uma organização só é possível quando os agentes atribuem sentido às suas práticas e se relacionam com outros agentes e, conjuntamente, interagem atribuindo significado ao mundo, às pessoas e aos objetos. Dessa forma, pensar em organização é pensar seus processos, seus agentes e suas interações.

No constante organizar das práticas, o grupo se configura e reconfigura. É interessante observar que, ao início do trabalho não foram elencadas nenhuma categoria analítica e nem partiu do olhar de nenhuma dicotomia pré-estabelecida, pois pretendia-se que o campo revelasse a forma pela qual a organização se constitui e assim, pudéssemos definir as categorias a serem exploradas. Dessa forma, durante a pesquisa, identificamos e analisamos três contradições que são resultados das interações cotidianas da associação e são principais achados deste trabalho, uma vez que emergiram das narrativas das próprias entrevistadas, e que se relacionam entre si: informalidade x formalidade; fragmentação x centralização e horizontalidade x verticalidade.

Tendo em vista tal compreensão, a abordagem interpretativista nesta dissertação é pertinente por se tratar de uma pesquisa no âmbito dos estudos organizacionais priorizando a descoberta de temas, categorias e conceitos a partir dos dados empíricos; a compreensão do fenômeno a partir da perspectiva dos participantes; a atuação do pesquisador (e a sua visão de mundo) como instrumento primário para a coleta e análise dos dados; o foco no processo, significados e compreensões (GODOI; BALSINI, 2010).

Abordagem interpretativista adota nesta pesquisa teve o objetivo de entender o mundo do ponto de vista daqueles que o vivenciam. Nessa abordagem, o objeto de pesquisa é entendido como construído socialmente pelos atores. Atores moldam significados a partir de eventos e fenômenos através de processos complexos e longos de interação social. Essa abordagem pressupõe que para compreender o mundo o pesquisador deve interpretá-lo. Preparar uma interpretação é também construir uma leitura desses significados, é oferecer a construção do pesquisador a partir da construção dos atores em estudo (SILVA; NETO ROMAN, 2010).

Esse achado corrobora com o que foi proposto por este trabalho e reforça a necessidade de se estudar as organizações sob diferentes perspectivas que nos permita entender como a organização de fato é. As contradições encontradas durante essa pesquisa não são nada além do que a manifestação das vivências das pessoas que compõem essa

organização. E essa vivência confronta as teorias tradicionais, comprovando que as organizações não são estáticas e com fronteiras bem delimitadas.

Percebemos que a organização estudada tem sua história marcada essas contradições, mas faz tudo isso conjuntamente e ao mesmo tempo, uma vez que busca a formalização dos processos, bem como a centralização das funções, ao mesmo tempo em que tenta manter certo grau de informalidade e fragmentação, consideradas características próprias do grupo. O grupo tenta ainda manter a horizontalidade e as decisões colegiadas, mesmo que seja possível identificar a existência de algumas hierarquias que acabam verticalizando a organização.

É interessante observar que, ao analisar a organização como um todo, encontram-se diferenças nas práticas e processos quando se olha para as distintas áreas: administrativa e criativa. Isso, na verdade, já era esperado, tendo em vista que a área administrativa tende a ser mais formalizada e centralizada, em virtude de sua natureza burocrática.

Diante disso, acredita-se que este trabalho permitiu a compreensão de um contexto diverso, dinâmico e multifacetado. A partir disso, diferentes ações dos atores sociais envolvidos contribuem para a configuração desse universo organizacional marcado pela tradição e cultura em movimentos contínuos, os quais não se encontram dissociados de aspectos mais materiais e operacionais, como o cotidiano da produção de renda.

Assim, revela-se um caráter mais processual da ASDEREN, em que práticas organizativas e culturais, colocadas sob uma mesma perspectiva, convergem para a constituição da associação, uma forma própria de organização que é resultado de processos de organizar que são eminentemente dinâmicos, contextuais e dependentes de todo um arcabouço histórico, social, cultural, e por que não, organizacional.

Portanto, refletindo sobre a temática abordada neste trabalho, conclui-se que as concepções de práticas organizativas e de *organizing* permitem a apreensão de um objeto ainda desconhecido e negligenciado no âmbito da pesquisa em administração. A abordagem do organizar, por meio de seus fundamentos ontológicos e epistemológicos, balizados na teoria da prática e em teorias da ação social, possibilita um novo olhar sobre a problemática de organizações alternativas e/ou não tradicionais.

Dentre as limitações que possui este estudo, talvez a principal delas seja o contexto pandêmico no qual o país se encontra. O Brasil vivencia desde o ano de 2020 uma grave crise econômica e de saúde pública, causada pela COVID-19 que tem assolado a humanidade em decorrência do seu avanço e, justamente, devido às recomendações de isolamento social para

a contenção dos casos da doença - tendo em vista a sua rápida forma de contágio - a COVID-19 vem acarretando uma crise do capital (SILVA, 2020).

A recessão econômica causada pela crise da pandemia atingiu principalmente os trabalhadores informais (VIEIRA, 2021) e os empreendimentos de pequeno porte. Essa situação, por afetar diretamente suas condições de trabalho, influenciou tanto negativamente quanto positivamente as rendeiras que foram entrevistadas, como será demonstrado adiante na apresentação dos resultados. Além disso, como já foi relatado anteriormente, o desenvolvimento desta pesquisa passou por alguns problemas, sendo o principal deles o pouco contato com o campo o que, de certa forma, interferiu na coleta de dados por meio da observação e também na quantidade de encontros para realização das observações.

Esta pesquisa contribui por voltar o seu olhar para um objeto de pesquisa ainda pouco estudado pela Administração, questionando as formas mais tradicionais de estudar as organizações, ampliando assim, estudos brasileiros sobre a temática e contribuindo com o debate. Isso porque, ao enfatizar a natureza processual da organização, há uma mudança epistemológica na concepção do entendimento de organizações, pois elas deixam de ser entendidas como meios para atingir determinados fins e passam a ser um constante processo de atribuir sentido e organização ao fluxo dos acontecimentos. Além disso, os estudos teóricos e, principalmente, empíricos sobre *organizing* são escassos no contexto brasileiro (POSSAS, MEDEIROS, VALADÃO JÚNIOR, 2017).

Acredita-se ainda que esta pesquisa facilita o entendimento do modo como as organizações são criadas e recriadas a partir das práticas constantes e do resultado de processos, contribuindo com o conhecimento sobre o modo como as organizações acontecem, e não como elas simplesmente são. A própria conformação da prática artesanal possui muitas especificidades, por isso, quando a essa forma de organizar é lançado um olhar que rompe com os preceitos tradicionais da Administração, é possível perceber como a organização emerge.

Por fim, uma última contribuição dessa pesquisa reside em entender a organização de um grupo artesanal brasileiro de destaque nacional e internacional como um fluxo constante e ilimitado de práticas, focando sua natureza processual. Dessa forma, o constante reorganizar das práticas artesanais permite que a própria organização se modifique e se reinvente, sem ficar presa a planejamentos fixos, possibilitando que o cotidiano das interações sociais molde as configurações organizacionais. Concorde-se com Possas, Medeiros e Valadão Júnior (2017)

que defendem que tendo em vista a importância das organizações na atualidade e o número expressivo de organizações culturais e artísticas, é possível perceber que as formas organizacionais, em suas interações com as pessoas, se modificam e, conseqüentemente, modificam as interações interpessoais.

Com isso, sugere-se como possibilidades de pesquisas futuras:

- Voltar a atenção para as práticas e processos que constituem as organizações;
- Focar em organizações que não são, constantemente, objeto de análise dos estudos organizacionais, como por exemplo, organizações culturais e artísticas, hospitais, escolas, igrejas, organizações militares, entre outras;
- Buscar entender como algumas características organizacionais emergem das práticas, das experiências, como por exemplo, lideranças, relações de poder e hierarquias;
- Explorar a ASDEREN ou outras associações de renda irlandesa em um contexto pós-pandêmico.

REFERÊNCIAS

- ALCADIPANI, R.; TURETA, C. Pós-estruturalismo e Análise das Organizações: A Contribuição da Teoria Ator-Rede. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS. **Anais...** Belo Horizonte: EnEO, 2008.
- AMARAL, J. L. **A produção de renda irlandesa e seu aprendizado em Campos dos Goytacazes / RJ**. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, 2011.
- ASSIS FILHO, E. S. **Estratégias da ASDEREN para o desenvolvimento da Renda Irlandesa em Divina Pastora sob a perspectiva da Estratégia como Prática Social**. Monografia (Bacharel em Administração), orientadora Prof^a. Dr^a. Ludmilla Meyer, Universidade Federal de Sergipe – UFS, 2018.
- BAKKEN, T.; HERNES, T. Organizing is both a verb and a noun: Weick meets Whitehead. **Organization Studies**, v. 27, n. 11, p. 1599-1616, 2006.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. SP: Edições 70, 2011.
- BARLEY, S. R.; KUNDA, G. Bringing work back in. **Organization Science**, v. 12, n. 1, p. 76-95, 2001.
- BEDANI, M.; VEIGA, H. M. S. Organizational practices: a theoretical contribution. Gerais, **Rev. Interinstitucional de Psicologia**, v. 8, n. 2, p. 428-442, ISSN 1983-8220, 2015.
- BENGTSSON, J.; SANDBERG, J.; DALL'ALBA, G. Life-world phenomenology: returning to practice anew. In: **ORGANIZATION STUDIES SUMMER WORKSHOP**, 2., 2006, Mykonos, Greece. London, p. 1-27, 2006.
- CÂMARA, R. H. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, 6 (2), jul-dez, 2013, p. 179-191.
- CAVALCANTE, R. B.; ESTEVES, C. J. S.; GONTIJO, T. L.; BRITO, M. J. M.; GUIMARÃES, E. A. A. A teoria ator-rede como referencial teórico-metodológico em pesquisas em saúde e enfermagem. **Revista Texto Contexto Enferm**, v. 26, n. 04, 2017.
- CHIA, R. Essai: thirty years on: from organizational structures to the organization of thought. **Organization Studies**, v. 18, n. 4, p. 685-707, 1997.
- CLEGG, S.; KORNBERGER, M.; THODES, C. Learning/becoming/organizing. **Organization**, v. 12, n. 2, p. 147-167, 2005.
- COLOMBY, R. K.; PERES, A. G. L.; LOPES, F. T.; COSTA, S. G. A pesquisa em história de vida nos estudos organizacionais: um estudo bibliométrico. **Farol-Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, v. 3, n. 8, p. 825-887, 2016.
- CRAIDE, A. A adoção da história de vida em pesquisas sobre a interculturalidade: uma nova possibilidade de aplicação no campo da administração. In: III Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade. João Pessoa, **Anais [...]**, EnEPQ, 2011.
- COOPER, R. The open field. **Human Relations**, v. 29, n. 11, p. 999-1017, 1976.

COOPER, R.; BURRELL, G. Modernism,, postmodernism and organizational analysis: an introduction. **Organization Studies**, v. 9, n. 1, p. 91-112, 1988.

COOPER, R.; LAW, J. Organization: distal and proximal views. **Research in the Sociology of Organizations**, v. 13, p. 237-274, 1995.

CZARNIAWSKA, B. Book Review: Bruno Latour: Reassembling the Social: An Introduction to Actor-Network Theory. **Organization Studies**. London: Sage, 2006, v. 27 (10), 1553-1557.

CZARNIAWSKA, B. Organizing: how to study it and how to write about it. **Qualitative Research in Organizations and Management: An International Journal**, v. 3, n. 1, p. 4-20, 2008a.

CZARNIAWSKA, B. **A theory of organizing**. Edward Elgar, 2008b.

CZARNIAWSKA, B. Going back to go forward: on studying organizing in action nets. In: HERNES, T.; MAITLIS, S. **Process, sensemaking, & organizing**: perspectives on process organization studies. New York: Oxford University Press, p. 140-160, 2010.

CZARNIAWSKA, B. Organizations as obstacles to organizing. In: ROBICHAUD, D.; COOREN, F. **Organization and Organizing**: Materiality, Agency and Discourse. New York: Routledge, cap. 1, p. 3-22, 2013.

DANTAS, B. G. **Renda de Divina Pastora**. Rio de Janeiro: Funarte, CNFCP, 2001.

DAVEL, E.; VIANNA, L. G. L. Gestão-criação: processos indissociáveis nas práticas de um teatro baiano. **RAP - Revista de Administração Pública**, 46 (4), p. 1081-1099, 2012.

DHUNPATH, R. Life history methodology: “narradigm” regained. **International Journal of Qualitative Studies in Education**, v. 13, n. 5, p. 543-551, 2000.

DUARTE, M. F.; ALCADIPANI, R. Contribuições do organizar (organizing) para os Estudos Organizacionais. **O&S - Salvador**, v. 23, n. 76, p. 057-072, jan./mar. 2016.

DUBERLEY, J.; JOHNSON, P.; CASSEL, C. Philosophies Underpinning Qualitative Research. In: SYMON, G.; CASSEL, C. **Qualitative Organizational Research**: core methods and current challenges. SAGE, 2012.

FELDMAN, M. S.; ORLIKOWSKI, W. J. Theorizing Practice and Practicing Theory. **Organization Science**, v. 22, n. 5, p. 1240-1253, set./out. 2011.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GHERARDI, S. Practice-based theorizing in learning and knowing in organizations. **Organization**, v. 7, n. 2, p. 329-349, 2000.

GEIGER, D. Revisiting the concept of practice: toward an argumentative understanding of practicing. **Management Learning**, v. 40, n. 2, p. 129-144, 2009.

GODOI, C. K.; BALSINI, C. P. V. **A pesquisa qualitativa nos estudos organizacionais brasileiros: uma análise bibliométrica**. In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELO, R.; SILVA, A. B. Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos. São Paulo: Saraiva, 2010.

GODOY, A. S. Reflexão a respeito das contribuições e dos limites da História de Vida na pesquisa em Administração. **Administração: Ensino e Pesquisa**, v. 19, n. 1, p. 161-175, 2018.

HIRSCHMAN, E. C.; SCOTT, L.; WELLS, W. B. A model of product discourse: linking consumer practice to cultural texts. **Journal of Advertising**, v. 48, n. 1, p. 33-50, 1998.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Renda Irlandesa (SE): do risco de extinção à sustentabilidade**. Brasília: IPHAN, 2018.

KALOF, L.; DAN, A.; DIETZ, T. **Essentials of Social Research**. New York: McGraw Hill Open University Press, 2008.

LACRUZ, A. J.; AMÉRICO, B. L.; CARNIEL, F. Teoria ator-rede em estudos organizacionais: análise da produção científica no Brasil. **Cad. EBAPE.BR**, v. 15, n. 3, Artigo 2, Rio de Janeiro, Jul./Set. 2017.

LANZARA, G. F. Reshaping practice across media: material mediation, medium specificity and practical knowledge in judicial work. **Organization Studies**, b. 30, n. 12, p. 1369-1390, 2009.

LATOUR, B. **Reassembling the social-an introduction to actor-network-theory**. Oxford University Press, pp. 316, Sep. ISBN-10: 0199256047. ISBN-13: 9780199256044, 1, 2005.

LAW, J. Objects and spaces. **Theory, culture & society**, v. 19, p. 91-105, 2002.

MALLIMACI, F.; BÉLIVEAU, V. G. Historia de vida y métodos biográficos. **Estrategias de investigación cualitativa**, v. 1, p. 23-60, 2006.

MARTINS, E. S. M.; ALMEIDA, M. R. D. Ecoturismo, qualidade de vida e artesanato de renda irlandesa em Sergipe. **ComCiência**, Campinas, n. 119, 2010.

MARTINS, G. A.; THEÓPHILO, C. R. **Metodologia da Investigação Científica para Ciências Sociais Aplicadas**. São Paulo: 3ª edição, Atlas, 2016.

MARTINS, H. H. T. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e pesquisa**, v. 30, n. 2, p. 289-300, 2004.

MATOS, J. S.; SENNA, A. K. História Oral como fonte: problemas e métodos. **Historiae**, Rio Grande, 2 (1), p. 95-108, 2011.

MELLO, J. C.; SILVA, E. P. S. Artesanato de Renda Irlandesa em Sergipe: Histórias de Vida, Histórias de Ofício. **História, histórias**. Brasília, vol. 2, n. 4, 2014. ISSN 2318-1729.

MINTZBERG, H. **The nature of managerial work**. New York: Harper Row, 1973.

MONTENEGRO, L. M. **Um parlamento de múltiplos atores: um estudo sob a perspectiva da teoria ator-rede para o entendimento da governança e dos resultados estratégicos de cursos de graduação em Administração de Instituições de Ensino Superior Particulares de Curitiba**. Tese (Doutorado em Administração) – orientador: Prof. Dr. Sergio Bulgacov, Universidade Federal do Paraná – UFPR, 2013.

MORGAN, G. Paradigms, metaphors, and puzzle solving in organization theory. **Administrative Science Quarterly**, v. 25, n. 4, 1980.

MORGAN, G. **Imagens da organização**. São Paulo: Atlas, 2002.

NEUMAN, W. L. **Social Research Methods: Qualitative and Quantitative Approaches**. Boston, MA: Allyn and Bacon, ed. 3, 1997.

OLIVEIRA, H. S. **Fios, lacês e INPI: Histórias de vida e Indicação Geográfica (IG) na Renda Irlandesa em Divina Pastora (SE) (2000-2017)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Alagoas, 2018.

ORLIKOWSKI, W. Knowing in practice: enacting a collective capability in distributive organizing. *Organization Science*, v. 13, n. 3, p. 249-273, 2002.

ORLIKOWSKI, W. Using technology and constituting structure: a practice lens for studying technology in organizations. *Organization Science*, v. 12, n. 4, p. 404-428, 2000.

ORR, J. E. **Talking about machines: an ethnography of a modern job**. Ithaca: Cornell University Press, 1996.

PADRÃO, M. L. Indicações Geográficas e a Proteção do Patrimônio Cultural Imaterial do Estado de Sergipe – A Renda Irlandesa de Divina Pastora. *Anais SIMTEC*. Vol. 1, n. 1, p. 177-184. ISSN: 2318-3403. Aracaju/SE – 25 a 27/09/2013.

PECI, A. Estrutura e ação nas organizações: algumas perspectivas sociológicas. *RAE*, v. 43, n. 1, p. 24-35, 2003.

POSSAS, M. C. **Nas sombras do Grupo Galpão: compreendendo o organizing e sensemaking em um grupo de teatro**. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal de Uberlândia - UFU, 2015.

POSSAS, M. C.; MEDEIROS, C. R. O.; VALADÃO JÚNIOR, V. M. Organizing: compreendendo interações e práticas do Grupo Galpão. *RAE*, São Paulo, v. 57, n. 5, p. 439-452, set-out 2017.

POZZEBON, M.; PETRINI, M. Critérios para condução e avaliação de pesquisas qualitativas de natureza crítico-interpretativa. **Pesquisa Qualitativa em Administração**: fundamentos, métodos e usos no Brasil, p. 51-72, 2013.

RECKWITZ, A. Toward a theory of social practices: a development in culturalist theorizing. *European Journal of Social Theory*, v. 5, n. 2, p. 243-263, 2002.

REMENYI, D.; WILLIAMS, B.; MONEY, A.; SWARTZ, E. **Doing research in business and management: an introduction to process and method**. London: Sage Publications, 1998.

SANTOS, L. C. dos. História e legitimação organizacional: reflexões acerca das narrativas histórico-organizacionais. *Organicom*, [S. l.], v. 11, n. 20, p. 61-72, 2014.

SANTOS, L. L. S.; ALCADIPANI, R. Por uma epistemologia das práticas organizacionais: a contribuição de Theodore Schatzki. *O&S*, v. 22, n. 72, p. 79-98, 2015.

SAUNDERS, M.; LEWIS, P.; THORNHILL, A. **Research Methods for Business Students**. 4. ed. Harlow: Pearson Education, 2007.

SANDBERG, J.; DALL'ALBA, G. Returning to practice anew: a life-world perspective. *Organization Studies*, v. 30, n. 12, p. 1349-1368, 2009.

SAYES, E. Actor-network theory and methodology: just what does it mean to say that nonhumans have agency? **Social Studies of Science**, v. 44, n. 1, 2014, p. 134-149.

SCHATZKI, T. On organizations as they happen. **Organization Studies**, v. 27, n. 12, p. 1863-1873, 2006.

SCHATZKI, T. Peripheral vision the sites of organizations. **Organization Studies**, v. 26, n. 3, p. 465-484, 2005.

SCHATZKI, T. **Social practice**: a wittgensteinian approach to human activity and the social. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

SCHATZKI, T. **The site of the social**: a philosophical account of the constitution of social life and change. Pennsylvania: Pennsylvania State University, 2002.

SCHATZKI, T. The sites of organization. **Organization Studies**, v. 26, n. 3, p. 465-484, 2005.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS - SEBRAE (2021), disponível em: <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/segmentos/artesanato/como-o-sebrae-atua-no-segmento-de-artesanato.28b6fc9f9898c510VgnVCM1000004c00210aRCRD> (Acessado em 13 de novembro de 2021).

SILVA, A. B.; NETO ROMAN, J. Perspectiva multiparadigmática nos estudos organizacionais. In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELO, R.; SILVA, A.B. **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais**: paradigmas, estratégias e métodos. São Paulo: Saraiva, 2010.

SILVA, A. H.; FOSSÁ, M. I. T. Análise de conteúdo: exemplo aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. **Qualit@s Revista Eletrônica**, v. 17, n. 1, 2015.

SILVA, A. P.; BARROS, C. R.; NOGUEIRA, M. L. M.; BARROS, V. A. “Conte-me sua história”: reflexões sobre o método de História de Vida. **Mosaico: estudos em psicologia**, v. 1, n. 1, 2007.

SILVA, E. P. S. E como Salvar esse patrimônio? A arte da produção da renda irlandesa nos cenários históricos de Divina Pastora - SE e Laranjeiras – SE. **Boletim Historiar**, n. 14, mar./abr. 2016, p. 38-48.

SILVA, M. R.; ALFAIA, T. Discutindo o conceito de organizing e sua contribuição para compreensão da trajetória organizacional. **6th Laemos Colloquim on**: Subverting organizations: reflecting on aims, meanings and modalities of organizing, Vinã Del Mar, 6-9, abril/2016.

SILVA, P. H. I. O mundo do trabalho e a pandemia de Covid-19: um olhar sobre o setor informal. **Caderno de Administração**, v. 28, Edição E, p. 66-70, 2020.

SILVA, P. M. M.; EL-AOUAR, W. A.; SILVA, A. W. P.; CASTRO, A. B. C.; SOUSA, J. C. A resiliência no empreendedorismo feminino. **Revista Eletrônica Gestão & Sociedade**, v. 13, n. 34, p. 2629 – 2649, jan./abr. 2019.

SILVEIRA, R. Z.; CAMPOS, A. C. B.; MIGUEL, M. C. Finos Fios, renda de agulha... Uma alternativa de trabalho, múltiplos olhares para a qualidade. **Desenvolvimento em Questão**, editora Unijuí, ISSN 2237-6453, Ano 17, n. 49, out./dez. 2019.

SOUSA, M. E. F. A. **A potencialização da Renda Irlandesa como ferramenta para o desenvolvimento local do município de Divina Pastora em Sergipe**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Gestão de Empreendimentos Locais) – Universidade Federal de Sergipe – UFS, 2015.

SOUZA, S. R. L.; FRANCISCO, A. L. O método da cartografia em pesquisa qualitativa: estabelecendo princípios... desenhando caminhos... **Investigação Qualitativa em Saúde**, vol. 2, 2016, p. 811-820.

SPINDOLA, T.; SANTOS, R. D. S. Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa (dora?). **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 37, n. 2, p. 119-126, 2003.

STARBUCK, W. Organizations as action generators. **American Sociological Review**, v. 48, p. 91-102, 1983.

STAKE, R. E. **Pesquisa Qualitativa**: estudando como as coisas funcionam. Porto Alegre: Penso, 2011.

TSOUKAS, H.; CHIA, R. On Organizational Becoming: Rethinking Organizational Change. **Organization Science**, v. 13, n. 5, p. 567-582, 2002.

TURETA, C.; ALCADIPANI, R. O objeto objeto na análise organizacional: a teoria ator-rede como método de análise da participação dos não-humanos no processo organizativo. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 7, n. 1, p. 50-70, 2009.

TURETA, C.; ARAÚJO, B. F. V. B. Escolas de Samba: trajetória, contradições e contribuições para os estudos organizacionais. **O&S**, v. 20, n. 64, p. 111-129, 2013.

VERGARA, S.; CALDAS, M. Paradigma Interpretacionista: A busca da superação do objetivismo funcionalista nos anos 1980 e 1990. **RAE**, v. 45, n. 4, p. 66-72, 2005.

VIEIRA, D. A. **O autoempreendedorismo informal e a inserção social de jovens pelo trabalho**. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal de Sergipe - UFS, 2021.

VIZEU, F. Potencialidades Da Análise Histórica Nos Estudos Organizacionais Brasileiros. **Revista de Administração de Empresas**, v. 50, n. 1, 2010

WEICK, K. **A psicologia social da organização**. Editora Edgard Blucher Ltda., 1973.

WEICK, K. **The social psychology of organizing**. Reading: Addison-Wesley, 1979.

WHITTINGTON, R. **Strategy as practice**. Long Range Planning, v. 29, n. 5, 1996.

APÊNDICE A. ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Conte-me sobre você, qual a sua história?
2. Fale-me sobre sua história com a Renda Irlandesa.
3. O que é ser uma rendeira?
4. Conte-me um pouco sobre a Associação. Como foi o processo?
5. Poderia me falar acerca dos parceiros? De que maneira eles estão relacionados à forma como as atividades/processos são realizados pela organização?
6. Quais títulos e premiações vocês possuem?
7. Quais objetos são importantes para a prática da Renda Irlandesa?
8. Quais atividades e processos são diretamente afetados pelos títulos, prêmios e/ ou objetos com os quais vocês se relacionam?
9. Você percebe diferença na forma como os processos e atividades são realizados hoje comparados à quando você começou na Renda Irlandesa?

APÊNDICE B. PROTOCOLO DE DIÁRIO DE CAMPO

Data	Fato

Observações/Reflexões:

APÊNDICE C. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), do estudo/pesquisa intitulado **“FAZENDO RENDA E TECENDO A ORGANIZAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS ORGANIZACIONAIS DA ASSOCIAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO DE RENDA IRLANDESA DE DIVINA PASTORA**, conduzida por Flávia Valeriano Oliveira. Este estudo tem por objetivo compreender o processo de ‘organizar’ (*organizing*) da ASDEREN, como resultado de suas práticas organizacionais.

Você foi selecionado(a) por ser um sujeito que participa desse processo de organização, uma vez que faz parte da principal Associação de confecção da Renda Irlandesa em Sergipe. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo.

Os possíveis desconfortos e riscos decorrentes do estudo, levando-se em conta que é um estudo com realização de entrevistas, são: tomar o tempo do sujeito ao responder à(s) entrevista(s); e considerar que os dados obtidos nessa pesquisa serão analisados e os resultados serão utilizados unicamente para finalidade científica. A participação do entrevistado não implicará em gastos pessoais, pois o deslocamento é de responsabilidade da pesquisadora, mas caso seja necessário, eventuais despesas da participação do entrevistado podem ser custeadas ou ressarcidas pela pesquisa.

O método de aplicação dessa pesquisa será realizada de modo presencial, respeitando todas as restrições e medidas de segurança impostas pelo governo por conta da pandemia Covid-19, é prevista uma duração média de 1 hora e 30 minutos por entrevista, sendo executadas pela pesquisadora responsável (Flávia Valeriano Oliveira), com a presença do pesquisador e entrevistado e levando em consideração que haverá registro de áudio de toda a entrevista para fins de análise dos dados coletados na entrevista.

Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação. Todo e qualquer dado é de sigilo absoluto e servirá exclusivamente para a dissertação, conforme confidencialidade do Comitê de Ética.

O pesquisador responsável se comprometeu a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos que participem dessa pesquisa.

Caso você concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, do pesquisador responsável / coordenador da

pesquisa. Seguem os telefones e o endereço institucional do pesquisador responsável, onde você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação nele, agora ou a qualquer momento.

Caso não se sinta esclarecido, o voluntário pode procurar o pesquisador responsável: Flávia Valeriano Oliveira, Mestranda em Administração – UFS; e-mail: flaavia35@gmail.com; telefone pessoal: (79) 9 9851-7591; telefone institucional: (79) 3194-6354. Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa, e que concordo em participar.

São Cristóvão - Sergipe, ____ de _____ de ____.

Assinatura do(a) participante: _____

Assinatura do pesquisador: _____

APÊNDICE D. SÍNTESE PARA SOCIEDADE

Fazendo renda e tecendo a organização: um estudo sobre as práticas organizacionais da Associação de Renda Irlandesa de Divina Pastora

Considerações Iniciais

Ao observarmos o papel social do artesanato e compararmos com a trajetória das rendeiras estudadas neste estudo, notamos que as mulheres rendeiras, pela sua produção de rendas, adquirem autonomia financeira e entre outros aspectos culturais, passam a ter o status de artesãs e trabalhadoras, em virtude da valorização da atividade produtiva na contemporaneidade. Por meio do artesanato muitas dessas mulheres puderam conquistar autonomia e emancipação. Não é incomum se deparar com os relatos de mulheres que puderam custear seus estudos e os de seus filhos, outras que adquiriram independência financeira. Independente de qual tenha sido a conquista, é inegável a ascensão da representatividade que essas mulheres adquiriram a partir da prática artesanal.

O objeto de nosso estudo foi a ASDEREN, Associação de Renda Irlandesa de Divina Pastora, visto que esta possui grande importância no cenário socioeconômico e cultural de Sergipe, bem como do Brasil. Isso fica evidente não somente por meio do vislumbre da história de desenvolvimento deste artesanato no estado, mas também por todos os prêmios e realizações alcançadas pela ASDEREN, como por exemplo, o título de Patrimônio Cultural Imaterial (IPHAN, 2018), o selo de Indicação Geográfica e também o prêmio TOP 100 de artesanato do SEBRAE (ASSIS FILHO, 2018; SILVEIRA, CAMPOS, MIGUEL, 2019).

Objetivos

O principal objetivo desta pesquisa foi compreender como a ASDEREN se organiza como resultado de suas práticas e processos. Mais especificamente, procuramos: a) identificar os agentes/atores que se relacionam com as práticas da ASDEREN, b) entender os papéis dos atores e as relações formadas no cotidiano da ASDEREN, e, c) entender as práticas organizacionais realizadas pela ASDEREN.

Metodologia

A investigação foi realizada por meio de entrevistas em profundidade com três rendeiras do corpo administrativo da Associação. O estudo foi descritivo e exploratório, de abordagem qualitativa, com o método biográfico de História Oral, sendo utilizada a técnica de análise de conteúdo de Badin (2011) para análise dos dados.

Principais Resultados

As categorias analíticas se resumem em cinco: a) a história oral (de vida) da rendeira; b) os agentes, arranjos materiais e suas relações; c) a pandemia chegou, e agora?; d) tecendo práticas e arranjos; e, e) contradições nas interações cotidianas.

Pudemos nos deparar com as mais inspiradoras histórias dessas mulheres que amam o artesanato e que buscam trazer toda a beleza deste artesanato para a vida das pessoas que as encontram. Além disso, vimos ainda como a Associação resistiu ao momento da pandemia, buscando se adaptar às novas demandas do mercado.

No entanto, dentre os resultados encontrados, os que mais se destacam referem-se às contradições observadas nas interações cotidianas. Discursamos sobre elas: a) informalidade e formalidade; b) fragmentação e centralização; c) horizontalidade e verticalidade. Percebemos que a organização estudada tem sua história marcada por essas contradições, mas faz tudo isso conjuntamente e ao mesmo tempo, uma vez que busca a formalização dos processos, bem como a centralização das funções, ao mesmo tempo em que tenta manter certo grau de informalidade e fragmentação, consideradas características próprias do grupo. O grupo tenta ainda manter a horizontalidade e as decisões colegiadas, mesmo que seja possível identificar a existência de algumas hierarquias que acabam verticalizando a organização.

Considerações Finais

Os achados desta pesquisa corroboram com tudo o que foi proposto pela autora e reforça a necessidade de se estudar as organizações sob diferentes perspectivas que nos permita entender como a organização de fato é. As contradições encontradas durante essa pesquisa não são nada além do que a manifestação das vivências das pessoas que compõem essa organização. E essa vivência confronta as teorias tradicionais, comprovando que as organizações não são estáticas e com fronteiras bem delimitadas.

Referência

SANTOS, F. O. ***Fazendo renda e tecendo a organização: um estudo sobre as práticas organizacionais da Associação de Renda Irlandesa de Divina Pastora***. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Administração), Universidade Federal de Sergipe, 2022.

